

# PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844

ANO 05 | NÚMERO 09 | JUNHO DE 2023



FACULDADE TEOLÓGICA  
**SUL AMERICANA**

*Preparando Vidas para servir o Reino de Deus*

# PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844

Ano 05 | Número 09 • 2023

# PRÁXIS MISSIONAL

Ano 05| Número 09 • 2023

**Editores chefe:** Jacqueline Ziroldo Dolghie / Cézár Augusto Flora

**Conselho consultivo:** Jorge Henrique Barro / William L. Lane / Marcos Orison  
/ Wander de Lara Proença / Antonio Carlos Barro

**Design gráfico:** Daniel Menara

**Diagramação:** Mauro S. R. Teixeira

## **Conselho de Referência:**

Alan Brizotti

Antonio Carlos Costa

Armando Bispo

Magali N. Cunha

Márcio C. Leal

Maurício Cunha

Robinson Jacintho

Ruth Padilla Deborst

Sérgio Queiroz

Timóteo Carriker

Valdir Steuernagel

Wilson Costa dos Santos

## **Uma publicação da Faculdade Teológica Sul Americana**

A Revista Práxis Missional visa contribuir com a prática cotidiana da Missio Dei (missão de Deus) e dos múltiplos ministérios do povo de Deus, priorizando temas relacionados à Teologia Prática (em suas vertentes missional e pastoral), em sua vocação de construir pontes entre uma teologia bíblica e contextual, mais formalmente elaborada, e a prática missionária e ministerial da Igreja e dos cristãos. Prioriza ainda o diálogo com abordagens que reflitam de modo prático sobre problemáticas que envolvem a vida da igreja brasileira e latino-americana.

*Correspondência*

## **Editora FTSA**

Rua Martinho Lutero, 277 - Londrina-PR - 86055-870 - Tel./Fax: (43) 3371-0200

Endereço eletrônico: [contato@praxismissional.com.br](mailto:contato@praxismissional.com.br)

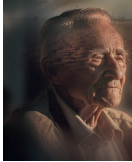
Página na internet: [www.praxismissional.com.br](http://www.praxismissional.com.br)

# SUMÁRIO

## EDITORIAL

POR CÉZAR FLORA.....05

## ARTIGOS



### ENTREVISTA COM O PROFESSOR FLÁVIO HENRIQUE

POR MÔNICA CARVALHO COSTA.....06



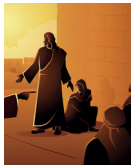
### MINISTÉRIO PASTORAL: UMA LUTA CONSTANTE

POR AC BARRO / NEY MEZZADRI JR.....21



### DEUS, HUMANIDADE E A CIÊNCIA: O CASO DE MOISÉS NO EGITO

POR ADRIEL LIMA.....32



### OS DIREITOS HUMANOS NA PERSPECTIVA DA MISSÃO DE DEUS

POR MICHELE JANENE CARIGNIO.....48



### HISTÓRIA DO CRISTIANISMO PRIMITIVO: BALANÇO DAS FONTES, PERSPECTIVAS TEÓRICAS E TEMAS ABORDADOS

POR ALFREDO DOS SANTOS OLIVA.....56

## EDITORIAL


A revista *Práxis Missional* foi lançada em 2018, com o propósito de contribuir com a prática cotidiana da missão Dei (missão de Deus) e dos múltiplos ministérios do povo de Deus, priorizando temas relacionados à Teologia Prática (em suas vertentes missional e pastoral), em sua vocação de construir pontes entre uma teologia bíblica e contextual, mais formalmente elaborada, e a prática missionária e ministerial da Igreja e dos cristãos. Nesse sentido, prioriza abordagens que reflitam de modo prático sobre problemáticas que envolvem a vida da igreja brasileira e latino-americana.

Em suma, a missão da *Práxis Missional* é uma extensão da missão que a Faculdade Teológica Sul Americana (que a auspícia) vem realizando em seus quase 30 anos de história na educação teológica, na intenção de preparar vidas para servir o reino de Deus. Através da *Revista Práxis Missional*, desejamos tornar nossa identidade e práxis cada vez mais públicas – ou, pelo menos, expandir o alcance do que já temos feito e produzido – através da pesquisa e produção de nossos docentes e discentes, além de colaboradores de outras instituições.

A partir desse número a *Práxis Missional* se apresenta em um novo formato, dividida em sessões temáticas que visam atender, cada vez mais, a práxis teológica. Nossa intenção é que essas sessões possam servir como instrumentos norteadores de fomento em discussões que auxiliem a igreja no cumprimento da missão de Deus nesse tempo.



**Cezar Flora** é Bacharel e Mestrando em Teologia pela FTSA; Graduado em Teologia e Filosofia; Professor da Faculdade Teológica Sul Americana.  
Contato: [cezar.flora@teologia.com.br](mailto:cezar.flora@teologia.com.br)

A close-up, high-contrast portrait of an elderly man with deeply wrinkled skin, looking slightly to the right. The lighting is dramatic, highlighting the texture of his face and hair. He is wearing a dark suit jacket over a light-colored shirt.

[Práxis 09 (2023) 06-22]

## ENTREVISTA COM O PROFESSOR FLÁVIO HENRIQUE

Por Mônica Carvalho Costa

# ENTREVISTA COM O PROFESSOR FLÁVIO HENRIQUE

## INTRODUÇÃO

Nós passamos por uma pandemia de covid-19 que trouxe mudanças profundas na maneira de pensar, fazer e viver a igreja. Quando a pandemia fechou os templos, foi preciso criar estratégias para manter os fiéis em comunhão e, principalmente, para oferecer o cuidado pastoral junto às pessoas que enfrentaram crises, incertezas e até luto. A pandemia passou, mas as imprevisibilidades da vida não.

Os dias difíceis descritos nas Escrituras e profetizados por Jesus já são realidade em nosso presente. Vemos o aumento de catástrofes, de terremotos, enchentes, surtos de vírus e bactérias, desemprego, além das questões que são próprias da contemporaneidade. Problemas esses que originam outras dificuldades, como por exemplo, depressão, pobreza etc. Mas, será que a Igreja está discernindo os sinais do tempo? Como argumentou Jesus em Mateus, capítulo 16, verso 3: “Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos?”

Vivemos tempos em que a Igreja precisa, mais do que nunca, cumprir sua missão e desempenhar um papel de cuidado e acolhimento para com as pessoas. É imprescindível que a Igreja se aperceba da necessidade de que, no aqui e agora, de ter uma voz ativa, profética, relevante para a sociedade. É essencial que se abra para debater temas importantes do contexto sociocultural, ou seja, fora do ambiente eclesiástico, que influenciam e impactam também a vida de seus membros.

E mais, que possa oferecer um lugar de refúgio libertador para aqueles que sofrem com as intempéries da vida. O professor Flávio Henrique, em sua experiência pessoal, ministerial e acadêmica, com certeza já enfrentou muitos desafios que o levaram a criar oportunidades em tempos de crise. Escreveu sobre temas como justiça e Reino de Deus e tem inspirado estudantes de teologia com a visão de uma práxis teológica que seja bíblica, missional e transformadora.

Na sua igreja em Londrina, no Paraná, desenvolveu um planejamento inovador durante a pandemia e promoveu diversas atividades que vão muito além do culto. Hoje, a Igreja Presbiteriana da Vila Judith oferece um espaço cultural para crianças, aulas de arte, cursos de música e esportes, além de programações diferenciadas que estão abertas para toda a comunidade.

**PERGUNTA** - PROFESSOR, FALA-SE MUITO DA NECESSIDADE DE O CRISTÃO TER DISCERNIMENTO, ESPECIALMENTE EM TEMPOS DIFÍCEIS. A PERGUNTA É: COMO A IGREJA, SUA LIDERANÇA, PODE DISCERNIR OS SINAIS DOS TEMPOS HOJE?

Prazer estar aqui com vocês, conversar sobre esse tema tão importante. Você falou na introdução sobre tantas questões que são próprias do nosso tempo e para muitas delas, inclusive, nós estamos procurando respostas. Na verdade, tentando entender as perguntas também. Acho que esse é um movimento necessário e tudo isso passa, de alguma forma, pelo tema do discernimento. A gente parte do princípio de que o discernimento é um dom que recebemos do Espírito Santo, mas, também exige de nós algumas posturas.

Eu penso que a nossa maior crise de discernimento começa pela nossa falta de envolvimento. Quando se vive exclusivamente para si mesmo, e essa é uma tendência humana, dificilmente conseguimos perceber o que está à nossa volta. E aqui começa, na minha opinião, a nossa crise de discernimento. Às vezes, somos levados pelo espírito do nosso tempo que nos faz olhar para o nosso próprio umbigo e impende de perceber a vida como ela é, a vida como ela está, as pessoas como são e como estão. É isso! Eu acho que isso entra em tensão, em conflito com essa característica própria da igreja, que é a capacidade de observar os tempos. Devemos desenvolver o dom; esse é um dom comunicável, de Deus a todos nós.

Todos nós somos chamados para esse movimento de sabedoria, que mostra o que estamos vivendo e imprime uma capacidade de observação que muitas vezes nos falta. Nos falta, não por uma questão de vocação; nos falta, não por uma questão de habilidade, mas simplesmente por seguir o espírito

do nosso tempo. Tempo em que os olhos estão fechados, os corações estão fechados, para perceber a vida como ela é, a vida como ela está. Então, mais do que consultar os sábios do nosso tempo, precisamos recuperar a nossa própria vocação, porque como Igreja de Deus, somos um povo que deve desenvolver a sabedoria que vem do alto.

Para que essa sabedoria se expresse aqui, no nosso jeito de viver, de conviver, no nosso jeito de se comunicar, de se relacionar, a gente deve estabelecer o discernimento. Precisamos aprender a olhar para a vida com um olhar mais amplo e mais liberto das nossas próprias tendências. Libertos do olhar voltado somente para nós mesmos. Talvez esse seja o nosso desafio hoje. Nós precisamos mais do movimento de Jesus, daquele que olha para a cidade, tem compaixão da multidão, e não se conforma com as coisas como estão. Nos falta um pouco dessa sensibilidade. Enquanto os nossos olhos estiverem para baixo, teremos dificuldade para discernir, para desenvolver esse dom.

**PERGUNTA** - COMO NÓS, NO AGORA, SENDO O CORPO DE CRISTO, A BOCA DE CRISTO, A MÃO DE CRISTO, DEVEMOS NOS POSICIONAR FRENTE AS CRISES SOCIAIS E AS INJUSTIÇAS? COMO PODEMOS, ALÉM DE NOSSOS PÚLPITOS, CONTINUAR EXORTANDO ACERCADAS INJUSTIÇAS CONTRA O NECESSITADO, CONTRA O CARENTE, OU AQUELE QUE ESTÁ SOZINHO? COMO PODEMOS DESEMPENHAR ESSE PAPEL NO AGORA, E PRINCIPALMENTE, TIRANDO OS OLHOS DE NÓS MESMOS, OLHAR PARA A REALIDADE À NOSSA VOLTA E DESEMPENHAR UM PAPEL EFETIVO DE MUDANÇA?

Eu penso que temos um problema sério quanto à questão da percepção de nossa identidade. Bom, se a gente não sabe bem quem a gente é, dificilmente conseguiremos desenvolver os nossos papéis e as nossas funções, porque as nossas percepções, na minha opinião, estão um pouco equivocadas. A sua pergunta levanta a questão fundamental do que é ser Igreja. Nós estamos enfrentando a falta dessa compreensão mais aguçada, mais profunda, do significado de ser Igreja. Nos prometeram lá atrás, em alguns projetos de evangelização, que o ser Igreja tinha a ver com resolver a nossa própria

vida e com aquilo que a gente podia ganhar. E deixamos de lado perguntas fundamentais do Evangelho que tem a ver com questões a respeito daquilo que se precisa perder. Então, se num movimento como o atual, que nós chamamos de Igreja, nós estamos todos preocupados com os benefícios da vida, seja no aqui agora ou seja no além, isso certamente fere a nossa identidade e automaticamente fere os nossos olhares.

Assim, enquanto eu estiver olhando para a minha vida, olhando para mim mesmo, olhando até para a eternidade, mas somente numa perspectiva daquilo que eu posso ganhar, daquilo que eu posso conquistar, isso automaticamente me tira do quem eu sou, daquilo que eu deveria ser e daquilo que eu deveria fazer naturalmente por causa da essência. Eu não entendo que o Evangelho é a respeito das coisas que eu estou pronto para perder. A motivação é invertida. A gente tem uma crise séria de motivação e por isso, as pessoas se achegam na vida eclesial, religiosa, para a vida na Igreja, com um tipo de expectativa distorcida. Precisamos rever posições e motivações se queremos ser a Igreja que Jesus nos chamou para ser.

**PERGUNTA** - PROFESSOR, VOCÊ ORGANIZOU UM LIVRO QUE FALA UM POUCO SOBRE ISSO, SOBRE A TEMÁTICA DA JUSTIÇA E DA LITURGIA CRÍTICA DOS PROFETAS, A CONTRADIÇÃO ENTRE O CULTO E A VIDA, QUE É JUSTAMENTE ESSE CONTRADITÓRIO ENTRE O DISCURSO, O CULTO E A VIDA PRÁTICA. POR FAVOR, FALE UM POUQUINHO ACERCA DISSO, E CLARO, SOBRE O SEU LIVRO.

Essa questão não é nova. A gente vê essa discussão lá nos profetas do Antigo Testamento. O livro é sobre isso e surge exatamente de uma tentativa de ler os profetas nessa perspectiva. Desde então, fazendo um recorte aos profetas, havia uma noção equivocada ou uma noção limitada a respeito do conceito de culto. O que é culto a Deus? O que era culto a Deus naquele período? Bom, para o povo de Deus, de maneira geral, o culto estava ligado a um ritual com hora marcada e com lugar definido. É bom lembrar que a Bíblia nunca questionou que tenhamos expressões litúrgicas como povo de Deus, que tenhamos alguns rituais determinados. Essa nunca foi a questão. A

grande questão é que todo o ritual, necessariamente, tem um termômetro. E o termômetro do ritual que agrada a Deus desemboca na vida. Por isso, precisamos rever o sentido de culto. Ele não deve estar limitado aos rituais que nós praticamos no final de semana ou ao que o povo de Deus praticava naquela época.

O que se exigia como expressão de culto estava muito além de ritualismo. Jesus também tocou nessas questões várias vezes, tentando despertar as pessoas para dizer que todo movimento de vida deve ser um movimento de culto, porque o Espírito de Deus é movimento. Se o Espírito de Deus é movimento, importa que adoração ao Espírito de Deus aconteça em movimento. A questão desse livro, e a questão aqui, não é questionar os nossos rituais domingueiros, mas é sempre perguntar se os nossos rituais são uma representação precisa do nosso jeito de viver, porque uma coisa precisa alimentar a outra. A maneira como eu vivo precisa alimentar a maneira como eu me expesso no ritual e a maneira como eu me expesso no ritual, precisa necessariamente contagiar a minha maneira de viver.

Eu não posso ser ou fazer só no domingo, na terça, deve haver uma constância em toda a vida. Eu não posso estender as mãos aos céus no domingo sem que elas estejam prontas, segunda-feira, para serem estendidas às pessoas à minha volta. Por isso, o conceito de justiça aparece aqui, porque os profetas estavam apontando exatamente para isso. O primeiro capítulo de Isaías é um resumo a esse respeito - “Vocês levantam as mãos no santuário, mas as mãos de vocês estão sujas de sangue, porque vocês deixaram de praticar a justiça”. A Bíblia mostra que Deus diz não querer sacrifícios, e que está cansado. Em alguns textos, a expressão do profeta é essa, como se Deus estivesse afirmando: “Eu estou cansado dos rituais de vocês, não porque não sejam bonitos, não sejam interessantes, não sejam bem-vindos, mas é porque eles são incompatíveis com o jeito que vocês vivem. Vocês cantam sobre Deus, mas não vivem o que estão cantando, nem falando sobre Deus”.

Esse tipo de culto se torna só barulho. Deus disse, está lá no Antigo Testamento, que isso gerava nele uma espécie de cansaço. Bom, qual é a

contraproposta do Evangelho, da Palavra de Deus? É que a gente aprenda com o culto a partir daquilo que a gente vive e que a gente aprenda a viver a partir daquilo que a gente cultua. Então, enquanto não existe esse movimento, existe o contraditório. E o que mais me preocupa, como pastor, é que a igreja brasileira é muito mais ritualista do que uma igreja que já entendeu que culto é uma coisa de todo dia, deve acontecer também no cotidiano, na vida, em tudo o que eu faço, em tudo o que eu sou, na minha maneira de me relacionar com as pessoas. Precisamos entender esse conceito mais amplo de culto, que está intimamente ligado com as expressões de vida.

Eu tenho alguns colegas que inclusive mudaram algumas coisas nas suas igrejas, como por exemplo, tiraram o termo “culto” e começaram a usar “reunião” ou “celebração”, para que as pessoas entendam que culto é aquilo que a gente faz. Domingo, para mim, é um momento de entrega, um momento de celebração, de reunião do povo de Deus, em que também cultuamos a Deus. Mas, o culto ele extrapola os nossos limites geográficos, os nossos limites cronológicos.

**PERGUNTA** - PROFESSOR, A PALAVRA CULTO É MUITO COMUM NO MEIO ECLESIAÍSTICO. JÁ A PALAVRA JUSTIÇA NEM TANTO. VOCÊ ACHA QUE HÁ UMA FALTA DE COMPREENSÃO OU UMA FALTA DE ASSOCIAÇÃO DA IDEIA DA PRÁTICA DA JUSTIÇA COMO MANIFESTAÇÃO DESSE MOVIMENTO DE VIDA EM DEUS. QUE MENCIONOU?

Esses conceitos, na visão dos profetas, estavam intimamente ligados. Já no Novo Testamento, a gente começou a emprestar da Bíblia, a teologia começou a emprestar da Bíblia, - e que bom que fez isso- mas, só um lado da mesma moeda. Passou-se a falar muito a respeito da justiça de Deus, que é aquela que nos justifica, que é aquela que muda o olhar de Deus em nossa direção, porque é um olhar a partir do sacrifício de Jesus. Mas, a gente se esqueceu que o outro lado dessa moeda é marcado por uma vida que é a expressão de justiça em tudo aquilo que se faz, na sua maneira de enxergar a vida e de se relacionar. Me parece que às vezes nos falta um conceito mais claro a respeito do que significa a nossa prática de justiça. Como essa

prática deveria se desenvolver nas relações. Precisamos pensar que a justiça de Deus, que é uma justiça justificadora, ao mesmo tempo, e exatamente por isso, nos torna envolvidos com a prática de uma justiça que também deve ser comum nas relações humanas.

Jesus chega a dizer em alguns momentos que a nossa justiça precisa, inclusive, exceder em muito a justiça daqueles que estão apegados à lei. Porque a justiça que se apegava à lei, é a justiça própria e a justiça que a Bíblia pede de nós, primeiramente, é esse movimento de abandono da nossa tal justiça própria. Toda vez que eu estou apegado à minha justiça própria, dificilmente serei capaz de exercer justiça em favor de um diferente ou daquele que pensa diferente de mim, ou que está numa condição diferente da minha. Então, eu costumo dizer que o inferno na vida do crente é a sua justiça própria. Porque enquanto ele está apegado ao seu senso de justiça, ele passa a ser o seu próprio referencial de análise, seu próprio referencial daquilo que ele entende como a vontade de Deus se apropriando indevidamente da vontade de Deus, usando a vontade de Deus como uma justificativa para o seu conceito de justiça própria. E aí torna o caminho muito mais difícil para si mesmo e para quem tem que conviver com alguém assim.

Que Deus nos livre da justiça própria e que a gente possa abrir o nosso coração para a justiça de Deus. Que a gente abrace o conceito de justiça que nos faz abandonar a justiça própria, trocando-a por conceitos como misericórdia, graça e compaixão, que são tão próprios à linguagem bíblica e à linguagem do Evangelho.

**PERGUNTA** - EU QUERO AINDA PEGAR ESSE TEMA DA JUSTIÇA E VOLTAR A NOSSA ATENÇÃO PARA JESUS. VOCÊ INCLUSIVE, EM UM DOS SEUS ARTIGOS PARA A REVISTA PRÁXIS MISSIONAL, FALA DE COMO JESUS ABORDAVA E CONTRAPUNHA AS QUESTÕES DO IMPÉRIO E COMO ELE TINHA ESSE OLHAR PARA AS PESSOAS QUE SOFRIAM A INJUSTIÇA DA PRÓPRIA INSTITUIÇÃO RELIGIOSA DA ÉPOCA. JESUS TRAZIA ESSE TEMA DE MANEIRA TÃO IMPACTANTE, E DE CERTA FORMA TÃO SIMPLES, COM O OBJETIVO DE MOSTRAR AOS RELIGIOSOS QUE ELES

PRATICAVAM A INJUSTIÇA CONTRA OS MARGINALIZADOS, COM AQUELES QUE ERAM CONDENADOS POR ESTAREM ENFERMOS OU POR TER ALGUMA DEFICIÊNCIA. FALANDO DE IGREJA, DE CUIDADO PASTORAL, COMO APLICAR ESSE TEMA DA JUSTIÇA NA PERSPECTIVA DO QUE JESUS NOS ENSINOU?

Primeiro é bom deixar claro que, e isso é muito fascinante, Jesus em momento algum, em qualquer lugar, deixou de cumprir a lei. O que Ele fez, na verdade, foi interpretar a lei na sua plenitude ou interpretar a lei de uma forma mais ampla. O posicionamento de Jesus nunca esteve ligado a questionar o valor da lei ou não. Mas, como é que nós interpretamos a lei? E por que ele teve que bater tanto nessa tecla? Porque os religiosos da época se apegavam à letra da lei e aplicavam a letra da lei com o conceito de justiça própria. Jesus, porém, pegava a mesma letra, da mesma lei, aplicando o conceito da justiça do Reino de Deus, que é um conceito muito mais amplo do que o nosso. Talvez levaria um semestre inteiro aqui para conversarmos sobre isso (risos).

Veja, é uma questão de perspectiva. Jesus em momento algum quebrou a lei, ele ampliou. Ele trouxe um novo olhar, uma nova perspectiva a respeito da mesma letra, tentando fazer aquilo que o profeta Jeremias havia profetizado, tirando a letra desse arcabouço da justiça própria e trazendo para os aspectos do coração. A lei, que disse o profeta Jeremias “A lei que hoje escrevo”, a lei escrita em tábuas de pedra, agora introduzida por Deus na nossa vida: “Eu vou escrever no coração de vocês”; não para que a lei seja substituída, mas para que percebam que há um equívoco de referencial. Porque enquanto eu sou o meu próprio referencial de aplicação da lei, eu vou me condenar.

Um bom exemplo é aquela cena da mulher adúltera. É um dos textos consagrados nesse sentido. Jesus aplica a lei a partir de uma nova perspectiva. Ou se você pegar os textos, por exemplo, de cura nos dias de sábado, verá que Jesus nunca questionou o sábado. Na verdade, ele pegava aquele princípio ali estabelecido a respeito do sábado e enfatizava, como se dissesse: “Bom, já que é sábado, já que é dia de expressar Deus na vida, nada melhor do que promover a própria vida”.

Veja, o problema é a inversão. A lei, toda a lei do Antigo Testamento, passa pelo conceito de justiça. Ela deveria estar a serviço da vida. Mas, quando eu uso o critério da justiça própria, eu coloco a vida a serviço da lei e aí, de alguma forma, acabo sacrificando a vida para que a lei seja cumprida. Jesus fez o inverso. Ele disse que toda a lei, como todo o sábado, foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado. Se a lei é boa, precisa ser cumprida, mas, também precisa ser cumprir a sua função de promover a vida, de valorizar as coisas que Deus valoriza. O valor primeiro para Deus é sempre a vida. Deus valoriza tanto a vida que só Ele pode tirá-la. Ele dá, Ele tira. O Criador estabeleceu uma lei fundamental e absoluta de que a vida é sempre ato primeiro de Deus.

**PERGUNTA** - PROFESSOR, AINDA OLHANDO PARA JESUS, REFERENTE AO NOSSO TEMA QUE É CUIDADO PASTORAL, O CUIDADO DA IGREJA EM MOMENTOS DE DIFICULDADES SOCIAIS... JESUS CONSEGUIA VER E ESTABELECEM AÇÕES DE CUIDADO PORQUE ELE ESTAVA FORA DO TEMPLO. ELE ESTAVA EM LUGAR PÚBLICO, ELE ESTAVA NO MEIO DA COMUNIDADE. ÀS VEZES A GENTE PERCEBE QUE A IGREJA TEM TODA ESSA DIFICULDADE DE OLHAR, DE SE APRESENTAR COMO UM RECURSO, PORQUE ESTÁ MUITO DENTRO DE SI. A REALIDADE QUE JESUS ENFRENTOU É DIFERENTE DA NOSSA, MAS, AINDA ASSIM, QUANDO NÓS FALAMOS EM TEOLOGIA, EM MISSÃO, O QUE FICA CLARO É QUE DEVEMOS CONTINUAR SEGUINDO O EXEMPLO DE JESUS, O MANDAMENTO DE IR. NÃO É SOMENTE SAIR DE DENTRO DAS QUATRO PAREDES, MAS, SER UMA IGREJA PRESENTE NO MEIO DA SOCIEDADE. GOSTARIA QUE VOCÊ FALASSE UM POUQUINHO SOBRE ISSO.

Eu acho que o princípio fundamental de tudo isso, passa pela palavra cuidado. Essa palavra é caríssima para nós, porque é uma das palavras que define o próprio Jesus. Ao estar no meio das pessoas, nesse movimento de estar onde as pessoas estão, Jesus não está criando apenas uma agenda, e sim desenvolvendo um jeito de ser, um jeito especial de ser humano. Esse jeito de ser humano é marcado pela prática do cuidado. De novo, não como uma agenda, não como um projeto, mas como um jeito de viver. Eu diria

que nós temos certa dificuldade porque perdemos de vista esse princípio absoluto do cuidado.

A palavra cuidado é importante para a linguagem bíblica pois está, por exemplo, como um dos alicerces da construção de um ser humano. Como é que eu sei se eu estou diante de um ser humano? Se existe nele essa predisposição para o cuidado. A base disso é a nossa vocação no jardim. O ser humano, quando foi criado por Deus, imediatamente foi vocacionado para o cuidado. Na composição do ser humano existe aquilo que a gente vê como olhos, nariz, boca, orelha, mãos, pés, coisas que lhe são próprias, contudo, em nosso ser enquanto essência, Deus impregnou a impressão digital Dele. Porque Deus em sua essência, é um ser de cuidado.

Então, quando nos falta essa perspectiva ou esse olhar de cuidado, nós estamos, inicialmente, negando a nossa própria humanidade. Essa é uma dimensão de pecado, talvez a mais profunda; quando estou agindo ou me permitindo agir e reagir a partir do fluxo do nosso tempo, sem entender que pecado é tudo aquilo também que me torna menos humano. Compreender que a graça de Deus está em mim tem a ver com o quanto eu vou me tornando mais gente, mais humano e vou recuperando em mim a imagem do humano que foi perdida. E uma das características que precisa ser recuperada é a do cuidado. Deus colocou cada um de nós no meio de nossas famílias, nas nossas comunidades de fé, na cidade onde estamos, para que a gente se desenvolva como seres humanos, criados e chamados para o cuidado.

Jesus, na minha leitura, não estava desenvolvendo uma nova missão para a igreja, estava ensinado que precisamos nos expressar no mundo a partir daquilo que é próprio da nossa humanidade, de seres criados à imagem e semelhança do próprio Deus, que receberam do próprio Deus as suas virtudes. Viver na Terra como expressão dessas virtudes, assim, nosso senso de plenitude de vida se revela na nossa vocação como cuidadores. Quando eu não caminho na perspectiva do cuidado com o outro, isso se torna pecado, a negação do ser humano que eu deveria ser.

**PERGUNTA** - PROFESSOR, ESSE FOI UM TEMA INERENTE NA PANDEMIA, O CUIDADO COM O OUTRO. SEJA NAQUELE ATO DE PASSAR ÁLCOOL NAS MÃOS OU DE USAR MÁSCARA, ERA UM CUIDADO CONSIGO MESMO, MAS TAMBÉM COM O OUTRO. PERCEBEMOS QUE VOCÊ, COMO PASTOR NA SUA IGREJA, POR AQUILO QUE DESENVOLVEU NO SEU MINISTÉRIO, PASSOU ESSA CONVICÇÃO PARA A IGREJA, MOSTROU A NECESSIDADE DE QUE ERA UM MOMENTO DA IGREJA SE ABRIR PARA CUIDAR DE PESSOAS QUE ENFRENTAVAM DIFICULDADES. VOCÊ CONSEGUE ALINHAR AQUILO QUE VOCÊS FIZERAM ALI, COMO LIDERANÇA NA IGREJA, OFERECENDO AMPLO CUIDADO NAQUELE MOMENTO, COM O QUE ESTAMOS VIVENDO HOJE, E O QUE ESTÁ POR VIR NESSE MOMENTO DE PÓS-PANDEMIA? QUANDO MUITOS ESTÃO, INCLUSIVE, DEBATENDO SOBRE COMO VAI SER A IGREJA NESSE MUNDO PÓS PANDEMIA.

Eu diria que é sempre um desafio, nunca é um processo natural. Quando o assunto é a virtude de Deus derramada no povo de Deus, para que esse povo seja a expressão Deus na terra, é sempre desafio. É, na verdade, um desafio de todo dia, não apenas em tempo de pandemia ou pós-pandemia. O desafio de que as pessoas criem a consciência do Evangelho, atentem para o fato de que estão o tempo todo vivendo para o cuidado, de que estamos o tempo todo vivendo em missão, para cuidar do outro, cuidar do próximo. Como se trata de um princípio, de uma virtude de Deus, é sempre um desafio manter uma comunidade cristã vivenciando isso de uma forma clara, profunda e consciente. Também é um desafio de todo dia, despertar a si mesmo para essa ação pastoral. Eu preciso orar a esse respeito porque como pastor, como líder da comunidade, facilmente posso me encantar pelas coisas que são secundárias.

Eu preciso resgatar isso todo dia dentro de mim e na minha comunidade. Um resgate da vida mais pautada em princípios fundamentais, que vão gerar plenitude de vida, coerentes com o Evangelho. Cuidar em primeiro lugar do meu coração, para depois despertar a comunidade exatamente para aquilo que ela é, para o que tem a ver com a sua identidade, com o seu jeito de ser no mundo. Porque a palavra cuidado não apenas define um ser

humano, também define uma comunidade. O que define uma comunidade cristã não tem a ver com os programas, não tem a ver só com as músicas ou qualquer coisa que a gente queira dizer. Mas, a partir de um olhar bíblico, de um olhar que parte de Deus, o que define uma comunidade cristã de verdade, é o seu envolvimento com o cuidado. Cuidado, não pode ser apenas um projeto da igreja, da diaconia. Não existe igreja sem cuidado, não existe igreja sem pastoreio. E nesse sentido, pastoreio não é a vocação de um pastor, é a vocação de toda a comunidade cristã; um jeito de ser, de uma comunidade pastoral.

**PERGUNTA** - INTERESSANTE FALAR DO CUIDADO PORQUE TAMBÉM NOS REMETE EXATAMENTE AO CHAMADO DE ABRAÃO. QUANDO DEUS O CHAMA, ELE DIZ “EM TI SERÃO BENDITAS AS FAMÍLIAS DA TERRA”. É JUSTAMENTE ESSE, UM CHAMADO PARA QUE ESSA GERAÇÃO, POR ASSIM DIZER, FILHOS DE ABRAÃO, FILHOS DA FÉ, SEJAM AS PESSOAS QUE TRARÃO A BÊNÇÃO DE DEUS NO LUGAR ONDE ESTIVEREM, QUE É O CUIDADO PERFEITO. E VOCÊ COLOCOU MUITO BEM, “SE NÃO EXISTE CUIDADO, NÃO EXISTE IGREJA”; EXISTE QUALQUER OUTRA COISA, EXISTE UM MOVIMENTO, EXISTE UM ENCONTRÃO DE GENTE LÁ FAZENDO A MESMA COISA, TALVEZ CANTANDO AS MESMAS MÚSICAS, OUVINDO A MESMA PALAVRA, MAS O QUE DEFINE A IGREJA DE JESUS É O MODELO DO PRÓPRIO JESUS. E JESUS É A EXPRESSÃO MÁXIMA DO CUIDADO. BASEADO NISSO, QUAL DICA VOCÊ DARIA PARA UM JOVEM PASTOR PARA DESPERTAR A SUA COMUNIDADE QUANTO A ESSE CUIDADO? QUAL DICA VOCÊ DARIA PARA ESSE PASTOR, QUE TALVEZ DISSÉSSE PARA VOCÊ: “EU QUERO FAZER DA MINHA IGREJA UMA COMUNIDADE DE CUIDADO”; QUE TALVEZ PERGUNTASSE: “COMO É QUE VOCÊ FEZ ISSO?”

Antes de tudo, digo: isso é obra do Espírito. Digo isso para deixar claro, nada disso me pertence. É uma obra do Espírito de Deus. Não é “como você fez”, é sim uma tentativa de continuar, continuar, continuar e continuar permitindo Deus se mover. É interessante que, nas línguas bíblicas, a maioria dos verbos na Bíblia dão a ideia de continuidade. Tudo que o está

acontecendo. Os imperativos bíblicos, são imperativos de continuidade. Assim, o desafio da continuidade é de não se perder na nossa identidade, não se perder com falsas promessas de alicerces que foram feitos e construídos por mãos humanas, mas, permanecer no paradigma de Jesus. Jesus precisa ser sempre o paradigma absoluto de uma comunidade de fé, porque Ele, afinal de contas, é o dono da Igreja. Ele diz que a Igreja é dele, a Igreja não é minha. E a Igreja dele caminha sempre no movimento do Espírito. O Espírito é o movimento que deve nos guiar.

**PERGUNTA** - PROFESSOR FLÁVIO, O MINISTÉRIO DE CUIDADO PASTORAL BÍBLICO EXIGE UM CONHECIMENTO TANTO DO CONTEXTO TEOLÓGICO QUANTO DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL. CONTUDO, AINDA É GRANDE O NÚMERO DE LÍDERES QUE INSISTEM NUMA DICOTOMIA: ESPIRITUALIDADE VERSUS POLÍTICA, ECONOMIA E CULTURA VERSUS IGREJA LOCAL. COMO ROMPER COM ESSE ISOLAMENTO DA IGREJA E PLANEJAR AÇÕES QUE POSSAM IMPACTAR POSITIVAMENTE O NOSSO MUNDO?

Eu acho que de alguma forma a gente já tocou em alguns pontos aqui sobre isso. A gente precisa ser conduzido pelo Espírito de Deus, que é movimento, mas, também é o Espírito que nos coloca com os pés firmados no chão da vida. Precisamos entender que, sim somos cidadãos do céu, mas com os pés na terra. Acho que nos falta essa percepção da relação entre Igreja e esses temas que você citou. Nossa vida na terra está relacionada com tudo isso. Por isso, a questão primeira talvez deva ser “como a gente se relaciona com essas coisas?”. Antes de tudo, precisa haver um entendimento mais claro de que nós somos chamados para uma relação com essas coisas a partir dos princípios do céu. Ou seja, gente do céu com os pés na terra, que vive na terra e que se relaciona com as questões da terra a partir dos valores do céu. É o que parece, para mim, a oração do Pai Nosso, quando Jesus nos ensina a pedir pelo Reino, a pedir pela vontade Dele, na terra como é no céu. Nessa frase tem um referencial, o referencial do cristão, do pastor, é o céu. Devemos buscar o referencial do céu para que permeie a terra.

O primeiro desafio é a gente redescobrir o nosso chamado e aprender a se relacionar com essas coisas a partir dos princípios eternos de Deus. Porque senão a Igreja se corrompe com política, se suja com projetos econômicos, ideológicos. A igreja deve se relacionar para influenciar, para ser luz, para ser profeta, para ter uma voz profética. Ela não toma partido porque o seu partido é o Reino de Deus. Não podemos abrir mão disso! Somos gente do céu, que vive na terra, até que Ele venha, até que seja dia perfeito e desfrutemos com Ele da glória eterna.

Quebrar a dicotomia é outro desafio, pois, todas essas coisas são questões também ligadas à nossa vocação, ligadas à nossa missão, desde que a gente entenda o chamado que é para expressar no mundo as virtudes Daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. E para que essa luz seja vista no nosso mundo de trevas.

**PERGUNTA** – PROFESSOR, ENTÃO PARA ENCERRAR, FALANDO DE CUIDADO PASTORAL, A GENTE NÃO PODE ESQUECER QUE A PRÓPRIA LIDERANÇA PRECISA DE UM CUIDADO. VOCÊ NA SUA VIVÊNCIA PESSOAL, ENFRENTOU UM GRANDE DESAFIO QUE FOI ACOMPANHAR SUA ESPOSA NA LUTA CONTRA O CÂNCER E RECENTEMENTE, O FALECIMENTO DELA. DIANTE DISSO, EU GOSTARIA DE SABER: A IGREJA FOI ESSE LUGAR DE CUIDADO E DE REFÚGIO PARA VOCÊ E PARA SUAS FILHAS?

Muito boa sua pergunta, mas antes de falar o quanto a igreja representou para mim, quero enfatizar algo. Você começou falando sobre a necessidade de uma liderança que se permite ser cuidada. E aqui eu deixo um apelo, para que os pastores abandonem, de uma vez por todas, essa capa que foi colocada sobre eles, uma capa messiânica ou a capa da superpotência ou da prepotência em relação à vida. Nós, como homens de Deus, precisamos ser humildes o suficiente para que os nossos pés sejam lavados de vez em quando e para que as pessoas cuidem de nós. Para que as pessoas nos conheçam também a partir das nossas fraquezas. Não cabe mais, na minha perspectiva de vida, qualquer modelo pastoral que esteja acima das pessoas

ou que se deixe levar por essa projeção humana de que um pastor ou uma pastora, é um super-homem ou uma supermulher.

Na minha opinião, isso procede do inferno, é uma tentativa diabólica contra a nossa própria vida, de acreditar que estamos acima do bem e do mal. Somos chamados para o cuidado, e isso não significa que a gente não precisa ser cuidado na mesma dimensão, ainda que isso cause, em certo momento, algum constrangimento na igreja. A Igreja precisa conhecer as nossas fragilidades. Estes três anos com a minha esposa foi uma faculdade para mim, onde pude aprender exatamente o que as pessoas aprendiam comigo. Puderam olhar, sem reservas, para aquilo que eu sou e aquilo que eu posso oferecer. Ou então, eu não tenho nada para dizer.

Necessário reconhecer o meu momento de vida, inclusive pelo momento que estou vivendo agora, que é um momento de luto. Significa dizer: aqui estou eu; esse sou eu com o que Deus me deu, com os meus dons, com os meus talentos, com as virtudes que Ele colocou no meu coração, mas também com a minha fragilidade. Fragilidade também é virtude. Se a gente pegar o exemplo de Jesus que encontrou como forma de virtude o esvaziamento, posso encontrar virtude na confissão da minha própria fragilidade. Acho que esse ponto é muito importante. Nós precisamos de pastores humanos. Se não fosse assim, Deus teria enviado os anjos para essa função pastoral. Que Deus nos ajude, para uma igreja pós-pandemia, que tenhamos pastores mais humanos e que sejam compreendidos na sua humanidade pelas suas comunidades de fé. Essa é a minha oração!

A minha segunda resposta é dizer que sim, eu fui extremamente bem cuidado pela minha comunidade. Minha comunidade me surpreendeu, não porque eu não esperasse isso dela, mas pela forma como foi, na dimensão que foi, no ritmo em que as coisas aconteceram. Eu quero deixar esse testemunho. Eu não fiquei um dia sequer sem receber pelo menos uma mensagem de alguém da minha igreja dizendo: “Estou orando por você”, “Estou orando por sua família”, “Vocês estão nos meus pensamentos”, “Vocês estão nas minhas orações”. Eu posso dizer, com toda certeza, não foi simplesmente um


cuidado... Eu fui, extremamente cuidado! Eu senti, em vários momentos, sinais do amor de Deus sendo manifestados por meio de pessoas que se deixaram levar pelo Espírito de Deus. O movimento do qual já falamos, o movimento do Espírito que os levaram a estender a mão, a me abraçar, a levar comida na minha casa, cuidar das minhas filhas, e tantas outras atitudes, que só pode ser de gente do céu agindo na terra.



**Entrevistado:** Professor **Flávio Henrique** é graduado em Teologia pela FTSA, com Mestrado e Doutorado pela PUC, na área de Bíblia. Docente na FTSA desde 2011, lecionando disciplinas de Antigo e Novo Testamento, Línguas Bíblicas, Exegese e Hermenêutica. Atualmente exercendo o cargo de diretor acadêmico. Pastor presbiteriano (IPB - Igreja Presbiteriana do Brasil) em Londrina - PR.

**Entrevistadora:** **Mônica Carvalho Costa** é jornalista e pastora da Igreja Presbiteriana Independente, pós-graduada em teologia pela FTSA.

**Contato:** [monica@ftsa.edu.br](mailto:monica@ftsa.edu.br).



[Práxis 09 (2023) 23-31]

## MINISTÉRIO PASTORAL: UMA LUTA CONSTANTE

Por AC Barro / Ney Mezzadri Jr.

# MINISTÉRIO PASTORAL: UMA LUTA CONSTANTE

## INTRODUÇÃO

Por que alguém em sã consciência quer ser ministro da Palavra de Deus? Estamos falando daquelas pessoas que abnegadamente abraçam ao ministério, não considerando o custo de tal empreitada. Que mistério é este que leva um ou uma jovem a deixar uma faculdade, uma carreira promissora no mundo dos negócios, ou ser uma pessoa “bem-sucedida” para se dedicar exclusivamente ao pastorado, à vida missionária?

O apóstolo Paulo inicia sua segunda carta a Timóteo sob um contexto adverso. Contam os historiadores que a prisão a qual Paulo se encontrava era a sua ‘última prisão’. Esse encarceramento era mais severo do que os anteriores, pois não levava em consideração a sua cidadania romana, que poderia conferir certas regalias a ele.

Ele era considerado um preso comum, ficando com pesados grilhões e correntes, sob muito sofrimento e humilhação. Sobre os escritos de Paulo a Timóteo, descreve Calvino (2009, p. 191):

As circunstâncias da ocasião, porém, adicionam especial valor a essas exortações. Paulo tinha a morte ante seus olhos, e ele estava pronto para enfrentá-la pelo testemunho do evangelho. Portanto, tudo o que lemos nesta epístola [...] deve ser vista não meramente como escrita a tinta, mas com o próprio sangue vital de Paulo.

O apóstolo Paulo, no final da sua carreira cristã, após uma intensa e apaixonada vida dedicada a Jesus Cristo, escreve a Timóteo, seu dileto filho na fé, e detalha a ele uma lista de pessoas que estiveram próximas do seu ministério. Podemos, nesta lista verificar três tipos de obreiros cristãos:

Demas, nome grego, “abandonou e amou o presente mundo”. Não sabemos a razão desse abandono, tendo em vista que Demas era um dos colaboradores mais íntimos de Paulo. Quando Paulo escreveu a carta aos Colossenses (4.14), alguns anos antes desta carta a Timóteo, da mesma cidade de Roma, Demas e Lucas estavam com ele. Agora ele diz: “Demas me abandonou”. Houve alguma discordância entre eles? Ficou Demas cansado de estar associado a um homem que atraía muitas perseguições e calúnias? Sabemos apenas que ele abandonou a igreja. “Amou o presente mundo”.

Isto não significa necessariamente que ele tenha abandonado a fé cristã, mas sim que ao considerar as vantagens de estar servindo a Cristo ao lado de Paulo e as vantagens oferecidas pelo mundo, preferiu ele a segunda. Para Calvino (2009, p. 281), ele “[...] preferiu a sua conveniência particular, sua segurança, tendo deixado a Paulo entregue à sua sorte”.

Sobre a atitude de Demas, temos um importante relato de Hendrikssen (2001, p. 387):

O verbo usado no original implica que Demas não havia meramente *deixado* Paulo (no cumprimento desta ou daquela missão), mas que o havia *deixado numa situação difícil*, o havia abandonado, desamparado. A separação não era apenas local, mas também espiritual.

Bürki (2007, p. 63) também reforça sobre este mesmo pensamento:

Como Lucas, Demas era um colaborador mais próximo de Paulo. Não pertencia aos que amaram a manifestação de seu Senhor e do mundo vindouro. Pelo contrário, amou o curso do tempo presente (ambas as vezes o verbo *agapan!*). Em vez de perseverar na comunhão com o apóstolo prisioneiro, correndo perigo de vida, valorizou e preferiu a vida no presente período de tempo.

A atitude de Paulo, nesta situação, pode ser expressa numa frase contemporânea: “Tudo bem, vamos em frente”. Esta atitude pode ser

vista em duas expressões: “Lucas está comigo”. Alguns abandonam, outros permanecem firmes. A outra fala é esta designada a Marcos: “[...] é muito útil para o ministério”. O exército de Deus pode sofrer algumas baixas, mas sempre haverá pastores e obreiros que não dobram os seus joelhos aos deuses deste mundo.

Nos dias de hoje são também muitos os que abandonam o barco. Decepcionaram-se com Cristo, com a Igreja, com a liderança, com a denominação, com o salário, com as injustiças cometidas contra eles. O que fazer? Avancemos, pois ainda há muito que realizar em prol do Reino de Deus.

#### AQUELES QUE ATRAPALHAM A CARREIRA CRISTÃ

Alexandre “me fez muitos males” - “causou-me muitos males”. Alguns historiadores afirmam que foi Alexandre, o latoeiro, que delatou o apóstolo Paulo, levando-o à segunda prisão e, por fim, ao martírio. Paulo menciona um outro Alexandre em 1 Timóteo 1.20, dizendo que esta pessoa naufragou na fé e blasfemou. Este homem promovia as dissensões na Igreja e Paulo o entregou a Satanás. Este outro fazia oposição a Paulo e contrariava os seus ensinamentos.

Já o autor Bürki (2007, p. 64) sugere que poderia ser até o mesmo personagem, cuja disciplina aplicada no contexto de 1 Timóteo 1.20 não surtiu o efeito desejado, levando Alexandre a endurecer ainda mais o seu coração e afligindo Paulo com mais maldades. Independente dessa possível diferenciação, sabe-se que este segundo cooperador que agora se torna aquele que atrapalha o andamento do ministério de Paulo prestará contas ao Senhor de suas obras.

Para Barclay (2006, p. 105),

a palavra que Paulo utiliza para dizer causou-me muitos males é o verbo grego *endeiknumi* (grifo nosso). Esse verbo significa literalmente desdobrar; e na realidade era empregado para referir-se

ao dar informação contra uma pessoa. Os informantes eram uma das grandes maldições de Roma nessa época. Buscavam obter favores e receber recompensas por dar informação. E pode ser que esse Alexandre fosse um cristão renegado, que foi perante os magistrados com informação falsa e caluniosa contra Paulo.

Para Paulo não existia nada mais grave do que ver alguém se opondo à mensagem de Cristo. Ele mesmo poderia suportar todas as coisas contra a sua pessoa, mas não tolerava ataques ao evangelho. A atitude de Paulo nesta situação é corajosa, pois identifica o faltoso chamando-o pelo nome. Vigia e toma cuidado com o que aquela pessoa está disseminando. Finalmente, vemos que ele descansa em Deus, pois ele conhece a todos e retribuirá a cada um segundo as suas obras (lei da sementeira). Paulo evoca o Salmo 62.13 que diz: “A ti também, Senhor, pertence a benignidade; pois retribuirás a cada um segundo a sua obra”.

Jesus Cristo também faz menção a um episódio que poderia ser extrapolado para outras circunstâncias. Nos evangelhos sinóticos (Mt 19.13-15; Mc 10.13-16; Lc 18.15-17), Ele diz: “[...] Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porque dos tais é o Reino de Deus”. Aqui são as crianças que são impedidas do convívio com Jesus, mas muitos adultos também o são. São pessoas que em suas jornadas de fé, estão querendo se aproximar de Jesus, mas são impedidos de o fazerem.

Atualmente, também são muitos os que atrapalham a obra de Deus. Devemos enfrentar a estes com caridade e realismo. Com caridade: Deus irá julgar as suas obras, não compete a nós fazer isto. Com realidade: A perseguição ao cristianismo nunca é abstrata, mas sempre personalizada. Infelizmente temos no meio da Igreja líderes abusivos. Pessoas que se utilizam da amizade dos colegas para galgar posições de liderança e que os descartam assim que os seus objetivos são alcançados.

## AQUELES QUE REALIZAM A CARREIRA CRISTÃ

Neste capítulo, Paulo menciona 18 pessoas. Duas delas causaram grandes males ao evangelho, todavia outras estão firmes. Marcos é útil ao ministério.

Trófimo está inclusive doente em Mileto. Crescente, Tíquico e Tito estão viajando em missões.

O que nos chama a atenção é que Paulo menciona Marcos aqui nesse trecho. Observamos no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 13, versos 13 a 15, que Marcos se aparta do grupo de Paulo, que ia para Perge da Panfília, e vai em direção à Jerusalém. Por esta atitude, Paulo e Barnabé acabam tendo uma desavença (At 15.36-41), pois o primeiro não queria levar Marcos e o segundo queria, e cada um acaba seguindo por caminhos diferentes.

Notem que, em nosso texto base, Paulo fala do mesmo Marcos, e afirma que é útil ao ministério. Para Paulo, Marcos cometeu um erro ao não permanecer junto a ele em sua viagem para a Panfília. Contudo, Marcos permaneceu nos caminhos do Reino de Deus, e, discipulado por Barnabé, caminha novamente com Paulo em seus últimos anos de ministério.

Este episódio entre Marcos e Paulo nos lembra da Parábola dos Dois Filhos relatada por Jesus, em Mateus 21.28-32. Destacamos as respostas dadas por cada um dos filhos ao pedido do pai para cuidar da vinha. O primeiro diz que vai cuidar, mas acaba não indo. O segundo informa que não vai cuidar, mas se arrepende e vai efetivamente cuidar da vinha. Jesus destaca que o segundo fez a vontade do Pai.

Assim também ocorre com Marcos, e com outros cooperadores que podem se afastar no início, mas acabam retornando depois. Destaca-se na Palavra de Deus sobre a importância da perseverança, de estarmos fiéis até o fim. Podemos tropeçar no meio do caminho. Contudo, havendo arrependimento, retornamos aos trilhos da vontade do Senhor.

A atitude e a mensagem de Paulo dirigem-se aos que permanecem firmes, aos que enfrentam o ministério com bravura e não consideram suas vidas mais preciosas do que a vida de Jesus Cristo. Ele afirma a mensagem da presença constante de Deus que nos assistirá em todos os momentos, revestindo e fortalecendo para o cumprimento da missão. E mais ainda, Deus nos

protegerá da boca do leão. Provérbio que era usado para denotar extremo perigo e, finalmente, Deus nos conduzirá ao seu lar celestial.

Hoje em dia precisamos recobrar este significado e motivação para a nossa carreira cristã, caso contrário, também nos veremos em tentações de desistir da Igreja e da sua missão. São tantas as lutas, as noites de insônia, os choros escondidos por causa das perseguições e injustiças. Todavia, antes de nós outros passaram pelos mesmos sofrimentos e não desistiram do ministério.

Ao final da vida, Paulo orienta a Timóteo e a todos os que militam na obra de Deus a que mantenham o foco bem ajustado: “Preguem a Palavra para que haja salvação e que Deus receba a glória para todo o sempre”.

## CONCLUSÃO

Desde que a Igreja foi fundada na Terra nós temos basicamente estes três grupos: os que começam e abandonam, os que permanecem e atrapalham a vida dos outros e os que permanecem e trabalham a favor da causa de Cristo.

A partir dos grupos de cooperadores aqui representados, sugerimos três dicas para nosso auxílio em lidar com as dificuldades oriundas do ministério cristão. A primeira dessas dicas é não focar nossos olhares e esforços em reclamar sobre aqueles que deixaram de caminhar conosco, mas em se alegrar com aqueles que permanecem conosco.

No episódio do profeta Elias na caverna relatado em 1 Reis 19.1ss, Elias encontrava-se desanimado, pois achava que estava só (conforme versos 10 e 14), e uma das palavras de ânimo do Senhor para ele foi a de que Ele “conservou em Israel sete mil pessoas cujos joelhos não se dobraram perante Baal” (conforme versículo 18). Alegre-se com aqueles que estão com você neste momento.

A segunda dica é amar, apesar das traições e decepções que se apresentarão diante de nós. Neste sentido, complementa Lewis (2017, p. 105):

Amar é sempre ser vulnerável. Ame qualquer coisa e certamente seu coração vai doer e talvez se partir. Se quiser ter a certeza de mantê-lo intacto, você não deve entregá-lo a ninguém, nem mesmo a um animal. Envolve-o cuidadosamente em seus hobbies e pequenos luxos, evite qualquer envolvimento, guarde-o na segurança do esquite de seu egoísmo. Mas nesse esquite – seguro, sem movimento, sem ar – ele vai mudar. Ele não vai se partir – vai tornar-se indestrutível, impenetrável, irredimível. A alternativa a uma tragédia ou pelo menos ao risco de uma tragédia é a condenação. O único lugar além do céu onde se pode estar perfeitamente a salvo de todos os riscos e perturbações do amor é o inferno.

Boor (2004, p. 107) também reforça:

Assim como a cruz de Jesus brotou imperiosamente de seu amor por esse mundo de pecado, assim também dentre nós neste mundo e época, o amor não pode ser separado do sofrimento. O amor pode acontecer aqui e agora somente mediante dores. Neste mundo o amor sempre tem a forma da cruz. Este mesmo autor ainda complementa (p. 108): O amor é a substância da eternidade. Se quisermos obter a eternidade em vida, então devemos amar.

A terceira e última aplicação é a perseverança. Permanecer fiel até o fim. Temos o próprio exemplo de Paulo nesta mesma carta a Timóteo, no capítulo 4, verso 7: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”. O apóstolo já tinha a noção que estava nos seus últimos dias aqui na Terra, e que logo seria martirizado. Mas ele foi até o fim, e isso é o que importa para aqueles que servem no Reino do Senhor Jesus. Um bom texto para se ler é o livro “Homens da Bíblia e seus erros”, de Jorge H. Barro.

De semelhante modo, temos ainda o texto também de Paulo em 1 Coríntios 4.1-2: “Ora, o que se requer dos despenseiros é que cada um seja encontrado fiel”. Os dias são difíceis, as pessoas nos traem, nos abandonam, mas temos exemplos na Palavra de Deus de pessoas que mesmo nestas circunstâncias foram até o fim na companhia do Senhor Jesus, e foram mais que vencedoras no Reino dos Céus.

Resumindo, nós temos os tomadores e os doadores. Alguns querem apenas usufruir daquilo que a Igreja oferece e não retribuem em quase nada. Assim, a Igreja continua dependendo desses poucos que são comprometidos e que esperam com confiança no Senhor. Quem colocou as mãos no arado não pode mais olhar para trás.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCLAY, William. *Comentario Al Nuevo Testamento*. Tradução de Carlos Biagini. Barcelona-ESP: Editorial Clie, 2006.

BARRO, Jorge H. *Homens da Bíblia e seus erros*. Rio de Janeiro: GodBokks Editora, 2022.

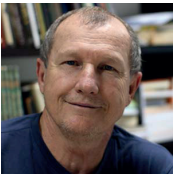
BOOR, Werner de. *Cartas aos Coríntios*. Tradução Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004.

BURKI, Hans. *Cartas aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom*. Tradução Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007.

CALVINO, João. *Pastorais - Série Comentários Bíblicos*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2009.

HENDRIKSEN, William. *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

LEWIS, C. S. *Os Quatro Amores*. Rio de Janeiro: Editora Thomas Nelson Brasil, 2017.

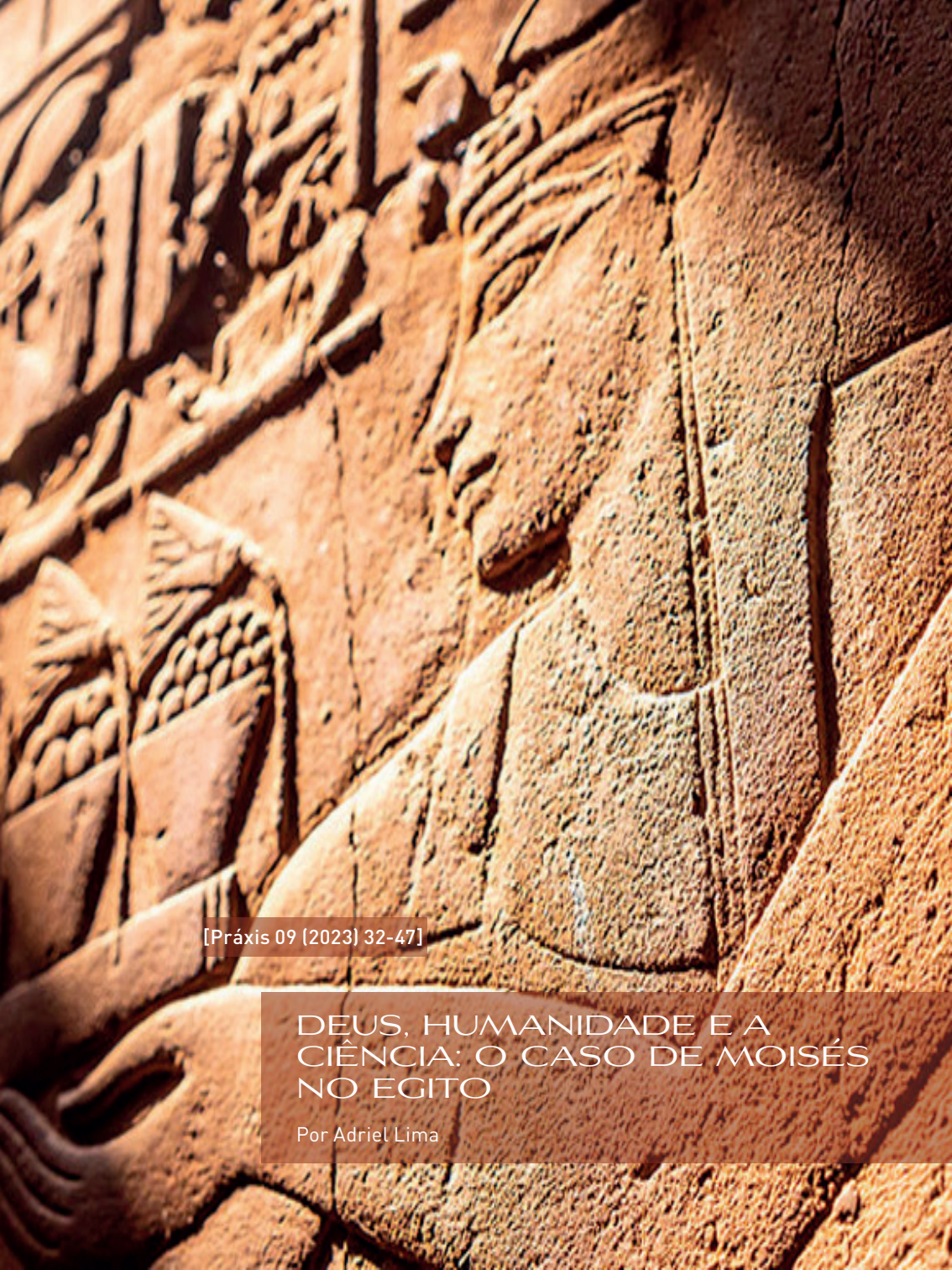


**Autores:** Antonio Carlos Barro é Ministro Presbiteriano, Doutor em Missiologia, um dos fundadores da FTSA, professor.

**Contato com o autor:** [acbarro@ftsa.edu.br](mailto:acbarro@ftsa.edu.br).

**Ney Mezzadri Jr.** é Ministro Presbiteriano, pós-graduado em teologia FTSA.

**Contato com o autor:** [prneybrancojr@gmail.com](mailto:prneybrancojr@gmail.com)



[Práxis 09 (2023) 32-47]

## DEUS, HUMANIDADE E A CIÊNCIA: O CASO DE MOISÉS NO EGITO

Por Adriel Lima

# DEUS, HUMANIDADE E A CIÊNCIA: O CASO DE MOISÉS NO EGITO

## INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho versa sobre a ciência e suas manifestações na relação entre Deus e a humanidade. Tomamos como referência, a análise do episódio em que Moisés se apresenta a Faraó, para pedir-lhe que deixe o povo de Israel ir embora do Egito e adorar o Senhor no deserto. Na ocasião, trava-se de uma disputa entre os sinais miraculosos operados através de Moisés e seu irmão, e aqueles praticados pelos mais importantes representantes da ciência egípcia.

Na teologia reformada, a ciência está compreendida no mandato cultural proferido por Deus na criação e registrado em Gênesis 1.28. O fazer científico, ao longo da nossa história, já esteve vinculado a práticas de magia e culto a diferentes divindades. Numa outra perspectiva histórica, a ciência também já rompeu todas as relações com o metafísico, admitindo apenas o conhecimento daquilo que pode ser controlado experimentalmente. Não obstante, presenciamos na modernidade o surgimento de fortes tensões entre conhecimento religioso e científico, que reverberam até nossos dias com alguma intensidade.

O engajamento no ensino das ciências e a percepção de comportamentos animosos no tocante a relação entre fé e ciência, tanto em setores da igreja como naqueles onde a ciência é construída, serviram de estímulo para essa investigação.

## DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

No antigo Egito, não temos apenas o desenvolvimento tecnológico agrário insuflado pelo delta do Nilo, os relatos históricos fazem referência aos papiros médicos que registravam uso de substâncias para cicatrização e anestesia, além de procedimentos cirúrgicos para tratamento de ossos quebrados e

dissecação de vasos sanguíneos. Segundo o historiador Warren R. Dawson, a religiosidade dos Faraós impulsionou as técnicas físico-químicas de embalsamento, uma vez que acreditavam na necessidade de preservação de seus corpos para que as almas os ocupassem na eternidade. A ciência médica é apenas um exemplo, dentre muitos, do quanto os egípcios da antiguidade contribuíram para o desenvolvimento científico.

O relato bíblico nos conta como o povo hebreu passou a habitar no Egito e se reproduziu exponencialmente, a ponto de chamar a atenção do Faraó. O crescimento populacional dos hebreus, na visão do governante egípcio, ameaçava o império e precisava ser controlado. No livro do êxodo, vemos que a estratégia adotada pelo Faraó foi, primeiramente imprimir um regime de trabalho escorchantes aos hebreus, e em seguida impor um controle de natalidade sobre as mulheres israelitas, determinando às parteiras que matassem todas as crianças do sexo masculino. O menino Moisés, ao nascer, é escondido por três meses e após esse tempo foi colocado no rio, sendo, em seguida, salvo pela filha de Faraó que contrata, sem saber, a própria mãe do menino para cuidar dele até quando crescesse e fosse morar no palácio. Assim, Moisés foi alguém com uma espécie de dupla nacionalidade, experimentando uma primeira socialização entre hebreus e em seguida desenvolvendo-se como adulto na cultura egípcia. Entretanto, seu senso de justiça não permitiu que assistisse passivamente, a opressão brutal praticada por egípcios contra os hebreus. Ao matar o egípcio, Moisés rompe definitivamente com a vida no palácio e se exila no deserto por 40 anos. No entanto, sua compreensão do mundo egípcio e do mundo hebreu, será determinante no julgamento do Egito, praticado por Deus através dele.

O entrave de Moisés com Faraó pode ser analisado sob diferentes perspectivas, todavia, escolhemos destacar a função da ciência neste confronto. Não está em discussão a moralidade da ciência, mas as suas finalidades. A mensagem comunicada, quando as serpentes produzidas pelas ciências “ocultas” dos sábios, são devoradas pela serpente que se originou do bordão de Arão, parece-nos apontar para o fato de que uma ciência sem a glória de Deus pode servir a impiedade, tornando-se menor e pouco eficaz.

## OBJETIVO

Com base nos eventos que marcaram a disputa entre Moisés e Faraó pela retirada dos hebreus do Egito, especificamente aqueles que denotam caráter científico e religioso, bem como nos relatos de outras fontes bibliográficas, esta investigação buscará demonstrar quão condenável é a associação da ciência com uma religiosidade, construída para legitimar o poder humano desprovido de qualquer justiça.

O trabalho também tem, como objetivos específicos: descrever o ambiente cultural do Egito, no que concerne às práticas religiosas e científicas, quando da permanência do povo hebreu entre eles; identificar as relações entre as práticas religiosas e científicas no Egito; caracterizar a mensagem de Deus ao Faraó e suas respostas, como um arquétipo de eventos históricos onde a ciência reivindica poderes religiosos.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### O CONCEITO CLÁSSICO DE MAGIA E SUA RELAÇÃO COM A RELIGIOSIDADE

Em sua análise de autores consagrados como James Frazer, A. R. Radcliffe-Brown, B. Malinowski e Émile Durkheim, dentre outros de mesma tradição, no que diz respeito ao conceito de magia tecido na antropologia, Pires (2010) aponta diferenças na forma como o assunto é tratado por eles.

Em termos preliminares, magia corresponde a manipulação do mundo natural, apoiado em vontades humanas e um certo conhecimento de causa e efeito. Como exemplo, podemos imaginar o mágico que sopra fumaça aos céus para que nuvens apareçam.

Embora a magia esteja presente desde as mais primitivas sociedades humanas, somente no século XX tornou-se uma categoria relevante de análise antropológica. Para Pires, “Frazer fundou a forma de estudar a magia em relação a ciência e religião” (2010, p.5). Para o autor

a magia é anterior à religião e que a transição entre ambas teria se dado gradualmente à medida que os homens notavam que nem sempre o rito mágico atingia os resultados esperados e concluíam, a partir disso, que deveria haver outros seres que governavam a ordem das coisas. (ibidem, p.4)

Ao contrário de Frazer, Durkheim (1917) acreditava ser a religião, fonte da magia e da ciência. Segundo o sociólogo francês, “a ciência, têm origens religiosas. Vimos que o mesmo vale para a magia e, conseqüentemente, para as diversas técnicas que dela derivam” (apud Pires, 2010, p.8).

Trazendo os autores Mauss e Hubert (1904) para a discussão, Pires (2010) apresenta um entendimento dos mesmos sobre a magia como integrante, ao mesmo tempo, da vida mística e científica do primitivo. No tocante a relação com a religião, os autores afirmavam que enquanto a magia atua sobre o objeto forçando o efeito, a religião busca conciliar causa e efeito.

Ao estudar povos do Pacífico Ocidental, B. Malinowski concluiu que a magia é a forma complementar do conhecimento prático, responsável pelo sucesso para além da perfeição técnica. Em outras palavras, o saber técnico, por mais aperfeiçoado que seja, sem a magia, é insuficiente para alcançar êxito permanentemente. Segundo Pires, “para Malinowski a mágica é produto das limitações humanas de pensamento, resultante de buracos no conhecimento empírico” (2010, p.15).

Para Radcliffe-Brown, outro autor analisado por Pires, ficava claro um desacordo entre o que é mágico e o que é religioso na comparação entre as visões de Frazer, Durkheim e Malinowski. O autor argumenta em favor do estudo da religião como agente de formação e manutenção da ordem social, não sendo relevante sua veracidade.

A ciência e sua relação com a magia

Embora a magia seja considerada na atualidade uma pseudociência, é fato

que ela pavimentou a estrada com destino a revolução científica na qual se instalou a ciência moderna (GUERCIO, 2020). Entretanto, ao florescer com o iluminismo, esta ciência tratou de romper com a história que a produziu. Trabalhos como *Novum Organum* de Francis Bacon, o *Discurso sobre o método* de René Descartes, e a *Crítica da Razão Pura* de Immanuel Kant, são exemplos de esforços positivistas para estabelecer padrões universais de classificação do que é científico, fazendo distinção do discurso metafísico e religioso. Para Chalmers,

a caracterização geral da ciência buscada pelos filósofos pretendia ser universal e a-histórica. Universal, no sentido de que se tencionava que fosse igualmente aplicada a todas as teses científicas (...), seria a-histórica no sentido de que deveria aplicar-se tanto às teorias passadas como às contemporâneas e às futuras. (1994, p.15).

Segundo o autor, a estratégia positivista foi bastante equivocada para aqueles que desejavam defender a ciência, uma vez que desprezava métodos e padrões implícitos em atividades de conhecimento pouco ortodoxas. Assim, só é cabível tratar de padrões e métodos dentro do campo de estudo que os produziu, sendo sua transposição para outra área, um enorme risco de validade. Modelos de análise da física não podem ser aplicados à psicologia com a mesma premissa de valor, por exemplo.

Sobre a relação da magia com a ciência moderna Guercio afirma que

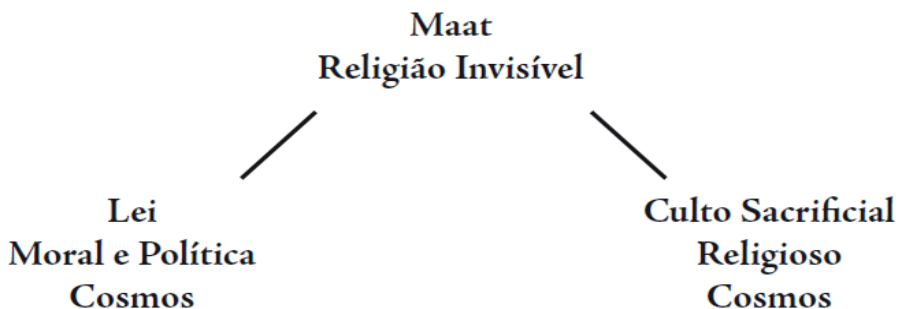
o desenvolvimento científico demandou a aprendizagem da magia na medida em que esta ampliou a capacidade humana no tocante a prática da experimentação bem como o reconhecimento da existência de outros paradigmas, contribuindo na ampliação dos horizontes do conhecimento para configurar o que hoje atribuímos de o pensamento moderno. (2020, p.3)

Portanto a ciência moderna parece ter herdado da magia seu componente intervencionista e manipulador da natureza, a fim de dominá-la em seu benefício.

## O CONTEXTO DO EGITO ANTIGO

Ao contrário do que podemos imaginar a partir dos muitos referenciais ocidentais sobre magia, como algo reprovável, no Egito, tal prática era socialmente aceita, possuía validade legal, além de integrar a religião (RIBEIRO, 2018). Os egípcios não observavam a religião como um compartimento da vida, mas como elemento constituinte daquela civilização. O termo *Heka* é aquele utilizado para designar a magia egípcia, sendo entendida por alguns como a própria força criadora. Portanto, o pressuposto de que a magia é inferior, não se aplica ao contexto do Egito antigo.

A religião egípcia possuía uma dimensão invisível, denominada *Maat*, responsável por assegurar o equilíbrio e a ordem do mundo visível, e uma dimensão visível, caracterizada pelos ritos e utensílios de culto e veneração. Entretanto, como afirma Ribeiro “a *Maat* fornecia-lhe o plano de fundo ao mesmo tempo em que também afetava as esferas da Política e da Justiça de forma geral, as quais possuíam sua significância e funções religiosas” (2018, p.77), o que Assmann (2006) denominou como triângulo egípcio (figura 1).



*Figura 1: triângulo egípcio (Assmann apud Ribeiro, 2018, p.77)*

Portanto, não é difícil concluir como a magia estava imbricada com religião e poder político no Egito. Logo, o serviço desempenhado por sacerdotes, também chamados de “magos”, estava ligado diretamente aos reis egípcios, auxiliando na solução desde problemas de saúde a militares (RIBEIRO, 2018).

Quanto às divindades, os egípcios não economizavam. Dentre as muitas, Walton (2007) destaca aquelas relacionadas com as pragas que antecederam a libertação dos hebreus. *Knum*, guardião do Nilo; *Hapi*, espírito do Nilo; *Osiris*, cujo sangue era o Nilo; *Hect*, deus da ressurreição que possuía forma de rã; *Hathor*, deusa-mãe que tinha forma de vaca; *Apis*, touro do deus *Ptáh* e símbolo de fertilidade; *Mnevis*, touro sagrado de Heliópolis; *Imotepe*, deus da medicina; *Nut*, deusa do céu; Ísis, deusa da vida; *Set*, protetor da colheita; *Rá*, *Aten*, *Atum*, *Hórus*, todos deuses do sol; *Osiris*, o doador da vida, divindade ligada ao Faraó (HIIL & WALTON, 2007).

Os rituais de magia tinham uma importância fundamental no processo de legitimação do faraó como divindade e distinguindo-o do restante da humanidade. Como afirma Souza,

ao ser colocado como o único intermediário entre homens e deuses, o faraó era teoricamente o responsável pelos cuidados diários de todas as divindades. Na prática, os sacerdotes atuavam como seus representantes, mas na iconografia, somente o rei era representado em um contato mais íntimo com as imagens divinas. (...) As raras aparições públicas do faraó, sempre envolto com símbolos mágicos e de poder, ajudavam na formação de sua imagem divina. Em certas circunstâncias todos esperavam que o próprio faraó executasse as maiores liturgias diante de uma multidão de seus súditos. Essa era uma ocasião para se ver o rei, os deuses em suas barcas divinas, para seguir o forte aparato da procissão faraônica. O ritual realizado diante de um grande público anunciava de forma explícita a legitimidade divina do faraó. (2009, p.5)

Concluimos então, que a magia inserida na religião, e constituinte comum da civilização egípcia, cimentava uma estrutura de poder centralizado na figura do faraó, assegurando-lhe a condição de não ser questionado e desobedecido em todas as suas determinações.

A MENSAGEM DE LIBERTAÇÃO NO ENCONTRO DE MOISÉS  
COM OS SÁBIOS DO EGITO

O Egito havia se tornado o grande império do mundo antigo, exportando sua cultura para todos os povos em sua volta. Suas obras de engenharia civil atraíam a atenção pela grandiosidade, mas também pela forma como eram conduzidas mediante trabalho servil dos povos imigrantes. O relato bíblico no livro do Êxodo (Êx.1.11-14) nos informa sobre a opressão com trabalhos forçados a que eram submetidos os hebreus no Egito. Um regime ainda mais pesado na medida em que o povo se multiplicava. A carga de trabalho escorchante e o controle de natalidade imposto aos israelitas constituíam a estratégia egípcia para impedir toda e qualquer organização coletiva em torno de um projeto de liberdade (v.16).

Moisés nasce e cresce nesse ambiente de injustiça. Entretanto, sua boa vida no palácio do rei parece ter o impedido de perceber e se indignar com a situação do povo hebreu. A mudança de mentalidade levou bastante tempo para acontecer. Somente aos quarenta anos de idade, Moisés se aproxima dos hebreus com um outro olhar, capaz de identificar a injustiça que eles sofriam. Seu ato violento para vingar o hebreu oprimido o levou ao exílio no deserto do Sinai, onde passaria mais quarenta anos experimentando uma relação com o Deus de Israel (Atos 7.23-32).

Moisés chega ao deserto como egípcio (Êx. 2:19) mas após quarenta anos retorna ao Egito como líder hebreu, escolhido por Javé para libertar seu povo. Destaca-se nesta metanoia, o conhecimento de uma “magia” proveniente de Javé (Êx. 4.1-7) a qual lhe qualificou para apresentar-se como líder do povo e também questionar o faraó. Ao ser provocado por Moisés e Arão, a deixar o povo hebreu ir embora, o faraó afirma claramente não reconhecer a divindade daquele povo (Êx.5.2), fato que ilustra bem a arrogância de tal governante frente ao que entendeu como uma simples revolta de trabalhadores (v.4).

O primeiro embate científico-religioso entre Moisés e faraó é marcado pela transformação de varas em serpentes (Êx.7.10-12). A serpente, no contexto do Antigo Oriente Próximo, e mais especificamente no Egito, era o animal mais representado na arte, simbolizando poder, sabedoria e imortalidade.

Sua figura estava sempre associada às divindades (PESSOA, 2020). Assim, quando a serpente produzida pela vara de Arão devora as demais serpentes, a mensagem comunicada era de soberania do Deus de Israel sobre as divindades egípcias.

Nos dois embates seguintes, quando as águas do Nilo se tornam em sangue (Êx. 7.19-25) e na infestação de rãs (Êx.8.1-15), a magia egípcia concorreu reproduzindo os mesmos sinais. Entretanto, a partir da praga dos piolhos, os magos de faraó não conseguiram reproduzir os feitos com sua ciência, atribuindo o fato ao dedo de Deus (Êx.8.18-19). Então, começava a ficar claro as limitações dos poderes de faraó e suas divindades, lastreadas por toda a ciência egípcia, frente as manifestações do Deus de Moisés. Isto culminaria com a libertação do povo hebreu.

## RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO

Como se pode notar, a sociedade do antigo Egito é um exemplo muito rico de como a tríade Política, Religião e Ciência atua na organização das sociedades humanas ao longo da história. Se o mundo ocidental vem buscando nos últimos 5 séculos, através dos esforços de alguns países, garantir constitucionalmente a laicidade do estado, embora na prática, nem sempre isto seja efetivo, o mesmo parece não acontecer na relação entre ciência e religião.

É importante destacar que o pensamento científico ocidental foi bastante influenciado pela religião judaico-cristã, pois como afirma Hooykaas,

Parece difícil acreditar que, embora o pensamento europeu tenha sido profundamente influenciado tanto pelas fontes greco-romanas como pelas fontes bíblicas, somente as primeiras possam ter deixado a sua marca nos nossos processos de pensamento científico. (2021 p.17)

Um exemplo disso foi o domínio do homem pela natureza, sustentado pelo movimento da reforma protestante e abraçado como ideal científico por nomes como Francis Bacon, o qual defendia a investigação das obras de Deus com a finalidade de alcançar benefícios para humanidade (HOOYKAAS, 2021).

A doutrina cristã que moldou este novo momento da ciência também gerou tensões quando Charles Darwin, no final do século 19, escreve sobre as origens das espécies. A hipótese de Darwin parecia não se conciliar com o relato de Gênesis. Anos mais tarde, esse episódio alimentaria uma narrativa sobre o conflito entre ciência e religião, ainda presente em nossos dias (MCGRATH, 2020).

O surgimento do campo de estudo em *ciência e religião* é atribuído ao trabalho de Ian G. Barbour, *Questões em ciência e religião*, publicado em 1966. Seus esforços o levaram a concluir que existiam quatro tipos de relação entre ciência e religião: conflito, independência, diálogo e integração. No modelo do conflito, para que uma exista, a outra precisa ser destruída, ou seja, a ciência enxerga a religião como uma ameaça ao desenvolvimento científico, enquanto a religião vê a ciência como um grave desvio do propósito divino. A relação de independência pode ser entendida como uma resposta ao conflito, com o objetivo de preservar o desenvolvimento autônomo de cada uma. Assim, crença religiosa não tem haver com ciência, bem como os avanços da ciência não devem, nem estão implicados na religião. O diálogo é o tipo de relação que admite o aperfeiçoamento de uma área pela contribuição da outra, enquanto a integração recusa a proposta de compartimentar a busca humana por conhecimento, propondo que os componentes espirituais e físicos estão imiscuídos nesta jornada. O mundo ocidental atualmente, graças aos trabalhos de John William Draper, Andrew Dickson White, Daniel Dennett e Richard Dawkins, dentre outros, é muito influenciado pela narrativa do conflito, embora na América do Norte e Europa Ocidental, o modelo de independência seja dominante. Já entre pesquisadores da Ásia, a perspectiva de diálogo e integração é prevalente (MCGRATH, 2020).

Vale ressaltar que os exemplos utilizados para fundamentar a relação de conflito entre ciência e religião, são extraídos do período histórico que antecede a chamada “revolução científica”, onde a ciência estava inserida na religião. Como afirma McGrath,

Tensões e conflitos presumidos entre ciência e religião, como a controvérsia de Galileu, costumam ter mais a ver com políticas papais, lutas pelo poder eclesiástico e questões de personalidade do que com tensões fundamentais entre fé e ciência. (2020, p.31)

Portanto, estamos diante de homens e mulheres que, antes de fazer ciência, estavam comprometidos com uma instituição religiosa. O caso do frade dominicano Giordano Bruno é um exemplo. Embora defensor das ideias científicas de Copérnico sobre a cosmologia, Bruno utilizou tais ideias para defender um novo modelo de religião para corrigir os males da Reforma e Contrarreforma na Europa, sendo por isso condenado pela igreja católica (SHACKELFORD, 2020).

## CONSTATAÇÕES E CONCLUSÕES

O caso de Moisés no Egito é um excelente exemplo de como a superposição dos poderes, científico, político e religioso, favorece um ambiente de totalitarismo. Um ambiente onde a exploração é legitimada. Onde, quem se opõe ao sistema vigente, é perseguido e calado. A mensagem de libertação produzida por Deus através de Moisés nos comunica primeiro que o poder do Criador não pode ser manipulado pela humanidade para prática de injustiças. Embora tenhamos acesso e capacidade, pela ciência, de produzir coisas fantásticas, assustadoras e espantosamente fascinantes, devemos nos lembrar que somos reflexos de um ser para além desta faculdade. Um ser cujo poder excede o nosso entendimento, que ama a justiça e a retidão, agindo na história para nos lembrar isso. Toda a estrutura religiosa no Egito, bem como a ciência acumulada por aquele povo, convergia para sustentar um regime político. O crescimento desse império alcançou um nível onde, o abuso de autoridade, a exploração de pessoas, a xenofobia, dentre outras práticas injustas, eram, não só toleradas como também estimuladas pelos governantes. Através de Moisés, Deus estava dizendo, basta!

A mensagem de libertação também comunica a importância de não ceder a tentação do poder absoluto. A sedução de fazer o que quiser sem ter a quem

prestar contas. Os três centros de poder identificados na narrativa do Êxodo, todos essencialmente humanos, precisam de autonomia e interdependência. O poder da ciência, com seus métodos próprios, aplicado na compreensão dos fenômenos naturais, onde também se inserem as questões humanas com interfaces para vida em sociedade, centro do poder político, e para o transcendente, onde atua o poder religioso. Como podemos notar na figura 2, a tríade Ciência, Religião e Política se manifesta na humanidade como domínios da interface com a Natureza, Deus e Sociedade, respectivamente. Possuem centros de atuação distintos, embora suas impressões sejam verificadas na constituição da própria humanidade. A autonomia garante o êxito na investigação de cada objeto, enquanto a interdependência assegura que as descobertas e conclusões de cada dimensão preservam a integridade do ser humano. Portanto, a vida deve resultar da harmonia entre o conhecimento do que existe (Ciência), a forma como participamos da criação (Política) e como nos relacionamos com o que transcende nossa existência (Religião).



Figura 2: representação da tríade de poder (Fonte: autor)

Adicionalmente, a experiência de libertação dos hebreus aponta para existência de um Deus pessoal que participa da história humana, o que denominamos na teologia cristã, imanência. Assim, assumimos que Deus atua na natureza e sociedade para se fazer conhecido e manifestar sua justiça. Isto pode ser representado na figura 3. Não se trata de prevalência do poder religioso, mas da imersão de nossa realidade na dimensão do Deus transcendente.

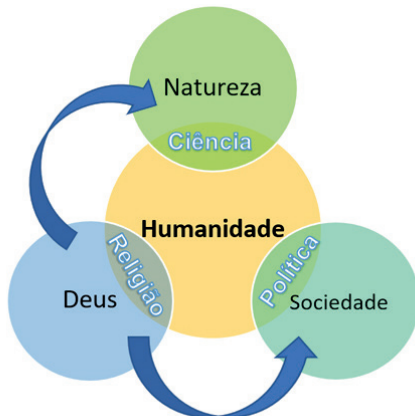


Figura 3: representação da tríade na perspectiva cristã (Fonte: o autor)

## IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E MISSIOLÓGICAS

Vivemos, na história recente, recorrentes tensões entre os poderes político, religioso e científico. Nesta avaliação vamos nos deter na relação entre ciência e religião. Como vimos, o ceticismo atacou frontalmente a fé cristã na tentativa de suplantá-la. Existem muitos jovens universitários cujas mentes foram capturadas pelo ceticismo. A sedutora ideia de que a ciência nos dará todas as respostas e solucionará todos os problemas, coloca-nos numa posição semelhante ao pináculo de onde Jesus foi convidado pelo diabo, a se lançar, na certeza de que os anjos lhe sustentariam (Lucas 4.9-10). É preciso lembrar que a ciência pode muito, mas não pode tudo. Cabe-nos encontrar esses limites e respeitá-los.

Algumas abordagens da igreja frente ao tema parecem mais contribuir para ruptura com a dimensão da fé na vida universitária, como se fosse possível ter uma vida acadêmica e outra religiosa. Isso, quando não ocorre, por parte de líderes cristãos, o desestímulo de seus jovens à carreira científica, sob o pretexto de se perder a fé. Assim, vamos contribuindo para um vácuo da presença cristã na construção da ciência nas mais diferentes áreas. Discussões no campo do direito, da história, da saúde, da engenharia, da educação, dentre outras, perdem de vista o argumento teleológico que nos aponta para o criador de todas as coisas, exatamente pela ausência de interlocutores com tal cosmovisão na academia.

A mensagem cristã tem implicações para todas as pessoas na integralidade de suas vidas. Isto quer dizer, dentre outras dimensões da vida, que em Jesus, temos reconciliado o modo de fazer ciência (Colossenses 1.20). Não se trata de anular nossa capacidade criativa, investigativa ou inventiva, mas a arrogância do saber que leva a prepotência e a opressão do outro. Em lugar disso, apoiamos nossas descobertas e avanços na perspectiva de conhecer mais e melhor o Senhor de tudo, aquele do qual e para o qual todas as coisas foram feitas (João 1.3; Romanos 11.36). Movidos por esse espírito seremos capazes de desenvolver sem destruir e transformar para diminuir a exclusão. Portanto, sejamos agentes desta reconciliação da fé com a ciência, para o bem comum da humanidade.

## REFERÊNCIAS

CHALMERS, A. F. (1994). *A fabricação da ciência*. São Paulo: Editora da UNESP.

CLARK, K. J., & BARRETT, J. L. (Novembro de 2018). *A Epistemologia Religiosa de Thomas Reid e a Ciência Cognitiva da Religião*. Fonte: Cristãos na Ciência: [chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.cristaosnaciencia.org.br/content/uploads/A-Epistemologia-Religiosa-de-Thomas-Reid-e-a-Ci%C3%Aancia-Cognitiva-da-Religi%C3%A3o-1.pdf](https://www.cristaosnaciencia.org.br/content/uploads/A-Epistemologia-Religiosa-de-Thomas-Reid-e-a-Ci%C3%Aancia-Cognitiva-da-Religi%C3%A3o-1.pdf)

GRENZER, M. (abr-jun de 2001). Decidido a defender o oprimido. *Revista de Cultura Teológica*, pp. 129-139.

GUERCIO, M. R. (Jul de 2020). Magia e Alquimia: o Renascimento e a origem da Ciência “A MAGIA É A CIÊNCIA TRADICIONAL DOS SEGREDOS DA NATUREZA... *Revista Tempo de Conquista*.

HIIL, A., & WALTON, J. (2007). *Panorama do Antigo Testamento*. São paulo: Vida.

HOOYKAAS, R. (2021). *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*. Brasília: Academia Monergista.

MCGRATH, A. (2020). *Ciência e religião: fundamentos para o diálogo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.

PEREIRA, K. M. (jan-jun de 2015). As dez pragas do Egito sob o olhar transgressor de Moacyr Scliar. *Letras & Letras*, pp. 206-215.

PESSOA, C. d. (2020). *A simbologia da serpente no antigo oriente próximo, na Sagrada Escritura e na literatura extracanônica*. Recife: Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. .

PIRES, P. S. (v.2, n.1 de jun de 2010). O conceito de magia nos autores clássicos. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, pp. p.97-123.

RIBEIRO, T. H. (24 de dez de 2018). A MAGIA NO EGITO ANTIGO: UMA PROPOSTA DE DEFINIÇÃO. *Hélade*, pp. 72-96.

SHACKELFORD, J. (2020). Que Giordano Bruno foi o primeiro mártir da ciência moderna. Em R. L. NUMBERS, *Terra plana, Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e religião* (pp. 89-100). Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.

SOUSA, A. F. (2009). O rei divino: práticas, rituais e representações no Egito faraônico. *ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*. Fortaleza.

SOUZA, J. F. (n.10 de v.4 de 1952). A influência da civilização egípcia sobre a obra de Moisés. *Revista de História*, pp. 275-284.



**Autor: Adriel Lima** é bacharel em Teologia, membro da equipe pastoral na Primeira Igreja Batista do Engenho do Meio, Recife-PE.

**Contato com o autor:** [adriellima100@gmail.com](mailto:adriellima100@gmail.com)



[Práxis 09 (2023) 48-54]

## OS DIREITOS HUMANOS NA PERSPECTIVA DA MISSÃO DE DEUS

Por Michele Janene Karigyo

# OS DIREITOS HUMANOS NA PERSPECTIVA DA MISSÃO DE DEUS

De forma prática, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) *Os Direitos Humanos na perspectiva da Missão de Deus* buscou evidenciar a necessidade de refletir sobre os Direitos Humanos em diálogo com a Missão de Deus no contexto contemporâneo e analisar essa questão. O princípio da “dignidade da pessoa humana” é a premissa central que norteou o estudo e viabilizou a conexão do Direito com a Teologia.

Embora a temática sobre os Direitos Humanos seja um dos assuntos mais debatidos no cenário público atual, a pesquisa feita junto ao Conselho Nacional de Justiça e Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos apontou que, no período da pandemia, especificamente entre 2019 e 2020, as ações de violação dos direitos humanos aumentaram em 342% (trezentos e quarenta e dois por cento). O estudo também indicou que a maior parte das pessoas desconhece a Declaração Universal dos Direitos Humanos e confunde “direitos humanos com a defesa de direitos de bandidos”. A partir desses dados, iniciou-se a discussão sobre a necessidade de um novo direcionamento para as questões relacionadas aos direitos humanos.

Em um cenário como esse, internamente as igrejas cristãs refletiram os mesmos resultados, vez que são um micro-organismo da sociedade. Foi possível notar que existe ausência de reflexão sobre essa temática na pauta das igrejas, tanto em termos de debate como de promoção dos direitos fundamentais junto à comunidade cristã.

Em geral, as oratórias de fé e comunhão se limitam a temas relacionados à salvação do pecado, à santidade e à esperança da volta de Cristo. Discursos que envolvem os direitos previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) são tímidos e/ou praticamente ausentes nas igrejas. Ao que parece, há uma distância entre a integralidade do ser humano enquanto ser carecente de salvação e os direitos inalienáveis para a sobrevivência desse mesmo ser humano.

Nessa esteira, pensando nas práticas da igreja na proclamação do evangelho, conseqüentemente na importância do seu papel diante da pobreza e da desigualdade social, da violência, dos abusos físicos e psicológicos, da intolerância, da discriminação e do racismo, buscou-se promover o debate sobre a violação da dignidade humana e a necessidade de pensar essa violação com a base teológica conhecida como Missão de Deus.

Diante disso, foi formulado o problema do projeto de pesquisa com a seguinte pergunta: Como a Missão de Deus pode contribuir para a conscientização da igreja e, conseqüentemente, para a promoção dos Direitos Humanos na sociedade?

Para responder a esse questionamento, foram traçados alguns objetivos. O objetivo geral da pesquisa foi apresentar ferramentas inspiradas a partir da Missão de Deus, que contribuirão para a Igreja refletir sobre a dignidade humana e dialogar com os Direitos Humanos. Como objetivos específicos, estabeleceu-se: a) aproximar a temática dos Direitos Humanos à Missão de Deus; b) fomentar a reflexão e o debate sobre a promoção da dignidade humana e dos Direitos Humanos por meio da Missão de Deus; c) produzir aplicações práticas fundamentadas em Jesus para o contexto brasileiro; e d) elaborar uma cartilha com conteúdo diverso e crítico, em linguagem acessível, para conscientização da igreja e sua relação com a sociedade sobre a importância dos Direitos Humanos e dos meios que asseguram e garantem a aplicabilidade dessas normas universais.

Pensando em encurtar a distância entre a DUDH e as igrejas, o TCC foi composto por três capítulos: 1 - Direitos Humanos no contexto da II Guerra Mundial; 2 - Direitos Humanos na perspectiva da Missão de Deus; e 3 - Dignidade Humana e Ação Pastoral: Promoção dos Direitos Humanos a partir da Missão de Deus.

O primeiro capítulo aborda os “Direitos Humanos no contexto da II Guerra Mundial” com o objetivo de explicar a origem e o conceito dos direitos humanos e da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). A partir da análise de documentários e relatos, o texto descreve as barbáries cometidas no campo de extermínio que se tornou o centro do Holocausto Nazista durante a Segunda Guerra Mundial: Auschwitz.

Em 27 de janeiro de 1945, as tropas soviéticas libertaram os campos e em 12 de outubro de 1948 nasceu a Declaração Universal dos Direitos Humanos como resposta imediata às atrocidades cometidas durante a guerra. A DUDH delimita os direitos humanos básicos e os protege universalmente, repudiando as atrocidades ocorridas em tempos de guerra e inspirando a busca por um futuro com dignidade para todos.

O primeiro capítulo possui dois subtópicos: “Direitos Humanos” e “Dignidade da pessoa humana”. O texto faz uma análise sobre os direitos humanos e a dignidade humana a partir da ótica da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), conceituando tais elementos para que o leitor compreenda a história e a relevância dessa temática.

O segundo capítulo, “Os Direitos Humanos na perspectiva da Missão de Deus”, buscou explicar os conceitos essenciais da Missão de Deus e demonstrar sua importância quando integrados à temática dos Direitos Humanos. As ações de observar, dialogar, praticar, avaliar e celebrar são destacadas como práticas fundamentais para a promoção dos Direitos Humanos.

O resultado prático do diálogo do Direito com a Teologia é o escopo do terceiro capítulo, intitulado “Dignidade Humana e Ação Pastoral: Promoção dos Direitos Humanos a partir da Missão de Deus”. O capítulo se desdobra no processo de construção de uma cartilha – *Jesus e os Direitos Humanos: como a Missão de Deus pode contribuir para a sociedade* – e na apresentação desse material.

A proposta desse material didático se fundamentou na necessidade de informar e aproximar a população dos Direitos humanos, bem como de acessibilizar o conteúdo acadêmico para sua aplicação na sociedade. A cartilha aborda sobre a temática dos Direitos Humanos com temas bíblico-teológicos e apresenta estratégias que reforçam a proclamação dos valores e princípios do Reino de Deus através de atitudes que protegem e promovem a dignidade humana. A ideia é de que esse conteúdo seja impresso e distribuído posteriormente em igrejas e outros espaços públicos.

O processo de construção da cartilha descreve as etapas e a evolução desse projeto, desde a sistematização do conteúdo, a seleção das ilustrações, a

composição do material, os critérios editoriais, as formas de interatividade com o leitor até as formas de disponibilização e impressão.

A segunda etapa apresenta a cartilha *Jesus e os Direitos Humanos: como a Missão de Deus pode contribuir para a sociedade*. Esse material didático se divide em 07 partes:

TEMA	CONTEÚDO
DIREITOS HUMANOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contexto da II Guerra Mundial;</li> <li>- Conceito dos Direitos Humanos;</li> <li>- Conceito de dignidade humana;</li> <li>- Explicação sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH).</li> </ul>
<i>IMAGO DEI E MISSIO DEI</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conceito de <i>Imago Dei</i>;</li> <li>- Conceito de <i>Missio Dei</i>;</li> <li>- Explicação sobre o “cuidado integral”.</li> </ul>
JESUS E OS DIREITOS HUMANOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fundamentação bíblica das práticas de Jesus que eram ancoradas nos Direitos Humanos.</li> </ul>
JUNTOS, NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS!	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dignidade: Criança e Adolescente, Mulher e Idoso;</li> <li>- Inclusão: Pessoas com Deficiência;</li> <li>- Acolhimento: Imigrantes;</li> <li>- Solidariedade: Doação;</li> <li>- Educação e Trabalho;</li> <li>- Respeito: Racismo e Intolerância Religiosa;</li> <li>- Bem comum;</li> <li>- Cuidar: Meio ambiente.</li> </ul>
COMO POSSO PROMOVER OS DIREITOS HUMANOS?	<p>Atividade para refletir e responder:            “Como posso promover os Direitos Humanos no bairro, na escola, no trabalho, na igreja?”.</p>
COMO POSSO PEDIR AJUDA E DENUNCIAR?	<p>Canais de Denúncia.</p>
SUGESTÕES PARA LEITURA	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como aprender mais sobre os Direitos Humanos. Sugestões bibliográficas.</li> </ul>

É importante destacar que todo conteúdo foi elaborado a partir das demandas das vítimas cujos direitos fundamentais foram violados. Elas foram identificadas a partir de relatos e dados levantados por meio da pesquisa feita junto aos órgãos competentes.

Na primeira parte, “Direitos Humanos”, a cartilha explica todo o contexto da II Guerra Mundial conceituando os Direitos Humanos, dignidade humana e explica sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

“*Imago Dei* e *Missio Dei*” é a segunda parte do trabalho. Este capítulo visou trazer os conceitos e fundamentos da *Imago Dei* e da *Missio Dei* para explicar a perspectiva teológica do princípio da dignidade da pessoa humana e demonstrar a necessidade do cuidado integral com o ser humano.

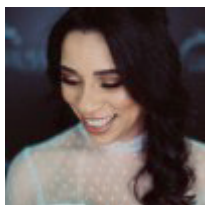
A terceira parte destaca “Jesus e os Direitos Humanos”, demonstrando que Jesus pregava sobre o Reino de Deus e as suas atitudes eram ancoradas nos Direitos Humanos, pois ele alimentava o faminto, curava o enfermo, acolhia o solitário, incluía o excluído, consolava os que choravam e orientava aqueles que precisavam de instruções para alcançar uma vida digna.

Pensando em conscientizar e promover os Direitos Humanos a partir das obras de Jesus, a quarta parte da cartilha, “Juntos na promoção dos Direitos Humanos”, traz sugestões práticas do que a igreja/sociedade pode fazer para tornar a vida das pessoas mais digna enquanto existência. Visando proporcionar uma interação com o conteúdo, a quinta parte da cartilha, “Como promover os Direitos Humanos?”, propõe que o leitor observe o seu contexto e ofereça sugestões de práticas que promovam os Direitos Humanos.

“Como posso pedir ajuda e denunciar?” é a sexta parte do material. Este capítulo indica contatos de ajuda e denúncia. A última parte, “Sugestões para leitura”, apresenta bibliografia para o leitor aprender essa temática e se aprofundar nela.

Por fim, recomendamos a leitura deste trabalho porque, ao acompanharmos

de maneira empírica a violação da dignidade da pessoa humana, somos impulsionados a entender a promoção dos Direitos Humanos a partir das práticas da igreja na sua proclamação missionária. Para isso, buscou-se aproximar a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), que são os direitos básicos fundamentais intrínsecos à condição humana independente de cor, religião ou sexo, com a Missão de Deus, por entender que é a missão que vai ao encontro do homem na totalidade das suas necessidades, demonstrando que a realidade social também é a realidade da missão da igreja.




**Autora: Michele Janene Karigyo** é mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana.

**Contato com a autora:** [michele\\_janene@hotmail.com](mailto:michele_janene@hotmail.com)

Clique no link abaixo para download da cartilha *Jesus e os Direitos Humanos: como a Missão de Deus pode contribuir para a sociedade*.

[https://cdn.ftsa.edu.br/mkt/PRAXIS/Cartilha\\_Jesus\\_e\\_os\\_Direitos\\_Humanos\\_2023\\_Michele\\_J\\_K.pdf](https://cdn.ftsa.edu.br/mkt/PRAXIS/Cartilha_Jesus_e_os_Direitos_Humanos_2023_Michele_J_K.pdf)

The image features a central hourglass with a brass frame and purple sand, resting on a map. To the right is a globe, and the background is a textured wall with a circular emblem. Various historical objects like a quill and a scroll are scattered around.

[Práxis 09 (2023) 55-66]

## HISTÓRIA DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Por Alfredo dos Santos Oliva

# HISTÓRIA DO CRISTIANISMO PRIMITIVO: BALANÇO DAS FONTES, PERSPECTIVAS TEÓRICAS E TEMAS ABORDADOS

## INTRODUÇÃO

Que esperamos ou podemos considerar uma boa pesquisa histórica? Responder a esta questão é relativamente fácil: diversidade.

Qualificar a resposta é algo um pouco mais trabalhoso, ou seja, explicar em que consiste uma atividade historiográfica que possua diversidade vai exigir de nós a criação e a exposição dos critérios de abrangência da referida diversidade.

Proponho, então, alguns critérios que, no meu modo de ver, estariam em sintonia com debates que penso estar observando no campo da teoria e método da história, minha área de especialização e atuação profissional há alguns anos.

(1) Em primeiro lugar, antes mesmo de discutir as amplitudes de um campo de estudos, é preciso que ele esteja cronologicamente circunscrito. E isso significa que precisamos de saber qual é o fenômeno que pesquisamos e seu recorte cronológico.

(2) Em seguida, temos que saber com quais fontes iremos trabalhar. Estamos diante de um verdadeiro dogma do interior do campo historiográfico, o que significa, por exemplo, que mesmo positivistas e pós-modernos, talvez extremos opostos do ponto de vista teórico, estariam em acordo. Parece que historiadores/as, mesmo que diverjam sobre tudo o mais, consideram que pesquisa historiográfica só pode ser feita com fontes. Quando começamos a debater o tipo e a qualidade das fontes primárias, o consenso facilmente desaparece.

(3) Em terceiro lugar, a própria diversidade teórica precisa ser considerada como necessária para que um campo de estudos se mantenha dinâmico. Muitas vezes a historiografia é desqualificada por não apresentar o devido consenso teórico, mas, conforme creio, o inverso deste juízo é um sinal

de pulsão de vida no interior do campo de pesquisas historiográficas. Diversidade teórica cria debates e este é fundamental para o dinamismo da investigação historiográfica. Assim, um bom campo de pesquisas seria aquele que em que há diversidade teórica. E isto significa que pesquisadores/as realizam seu trabalho de pontos de vistas teóricos distintos e, muitas vezes, até mesmo contraditórios.

(4) Por fim, podemos considerar que um campo de estudos que se mantém saudável consegue deslocar seu foco para os mais variados temas ou aspectos do mundo empírico investigado. Em outras palavras, deve contemplar categorias sociais distintas, temas variados e enfoques oscilantes.

Em síntese, uma pesquisa historiográfica de qualidade deveria passar pelo crivo de quatro aspectos: ter um “objeto” de estudos bem delimitado, usar fontes de formas e naturezas das mais variadas possível, testar enfoques teóricos distintos na interpretação das fontes primárias obtidas e deslocar permanentemente seu olhar sobre as fontes estudadas para contemplar nelas aspectos variados.

Agora, se pararmos de falar de forma abstrata e passarmos a olhar o campo de estudos específico da história do cristianismo primitivo, poderemos fazer um balanço minucioso desta área de pesquisa. Assim, poderemos testar a validade dos critérios apresentados acima de forma palpável ou empírica e olharemos a nossa jornada como pesquisadores/as a partir de forma crítica no sentido mais apropriado do termo. Ser crítico em relação a algo é ter critérios para fazer uma avaliação.

Então, quando paramos para fazer um balanço do que produzimos nos últimos anos em termos de pesquisa historiográfica, gostemos de nos identificar como historiadores/as ou cientistas da religião ou mesmo como teólogos/as, o importante é que tenhamos critérios para fazer isso.

A seguir, vou usar os critérios acima descritos para escanear, se me permitem assim falar, o que temos produzido acerca da história do cristianismo primitivo.

## 1. DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDOS

Temos pouca dúvida sobre a temporalidade que deve cobrir o campo de estudos históricos acerca do cristianismo primitivo. Talvez não tenhamos nenhuma outra certeza sobre este campo, mas esta temos: trabalhamos com uma temporalidade que começa no primeiro século e se estende até o início do quarto século, ambos depois de Cristo.

Não sabemos tantas outras coisas dentro dessa temporalidade: quando cristianismo e judaísmo se tornaram religiões distintas, como este processo funcionou em áreas distintas do Império Romano, o que o Jesus histórico fez e ensinou, quando e como o cristianismo deixou de ser um fenômeno espontâneo para se tornar uma religião fortemente institucionalizada etc.

Mas sabemos que pesquisamos um fenômeno cuja duração se estende do início do primeiro século ao início do quarto. Não parece muita coisa, mas é algo muito importante para historiadores/as saber qual é a temporalidade com a qual trabalham.

Colocar o foco de pesquisa entre os séculos I e IV não significa que o antes e o depois não são importantes para nós. Implica apenas em saber que daremos mais atenção a fontes produzidas dentro dessa temporalidade.

Assim, se a relação entre cristianismo e judaísmo é fundamental para historiadores/as do cristianismo primitivo, o fato de darmos atenção para o que acontece entre os séculos I e IV, não deve excluir uma temporalidade anterior a ela. Só compreenderemos diversos aspectos do cristianismo primitivo apenas se conhecermos bem a história de seu antecessor cronológico e uma de suas matrizes culturais, mas, ainda assim precisamos saber que nosso foco estará sempre voltado para os séculos I e IV. E isto já é um bom começo.

## 2. AMPLIAÇÃO DAS FONTES

Quando deixamos o cômodo debate sobre a abrangência cronológica das nossas pesquisas para focarmos quais seriam as fontes que usaremos,

as coisas começam a ficar um pouco mais tensas e complexas. E aqui esbarramos em dois debates difíceis que foram amplamente enfrentados pelo grupo de pesquisas Oracula<sup>1</sup>: 1) Usaremos fontes canônicas ou apócrifas? 2) Empregaremos fontes eruditas ou populares?

De 2014 a 2017 encaramos a primeira questão. Quando recebemos a visita de Candida Moss (2014.1, de forma remota), Judith Perkins (2014.2), Matthias Henze (2015) e Stephen Patterson (2016) nos vimos diante de especialistas no debate sobre a legitimidade das fontes apócrifas ou simplesmente frente a frente com pesquisadores/as que manuseavam bem as fontes não canônicas.

Mesmo que já estejamos há muito convencidos da artificialidade da divisão entre fontes canônicas e apócrifas e já estejamos usando o segundo tipo delas também há um bom tempo, foi fundamental estarmos diante de especialistas que têm bastante familiaridade no uso de textos apócrifos. Aprendemos bastante e também trocamos muitas experiências próprias de pesquisa sobre o assunto.

Se há uma virtude do grupo Oracula é a de não nos limitarmos a ouvir o que nossos/as interlocutores/as, mesmo quando se trata de pesquisadores/as de renome internacional. Ouvimos, aprendemos e também relatamos o que temos feito.

Assim, parece que hoje tomamos como ponto resolvido que, embora alocado em uma universidade confessional e com algumas pessoas que assumem alguma forma de confessionalidade, não podemos mais respeitar os limites impostos pela historiografia cristã de que as fontes canônicas seriam mais legítimas que as apócrifas.

Estamos todos convencidos de que historiografia deve ser feita com fontes

---

<sup>1</sup> O presente texto foi escrito com vistas a fazer uma avaliação dos trabalhos de pesquisas que vinham sendo realizados no grupo Oracula, que se reunia na Universidade Metodista de São Paulo para estudar o cristianismo primitivo. Como se pode ver pelo texto, o grupo conseguia financiamento para trazer palestrantes de outros países que fossem referências na sua área de especialidade. Infelizmente, por uma série de razões, Oracula não se reúne mais, mas creio que os debates teóricos que derivaram dos tempos em que funcionava podem ser publicados com vistas a estimular pesquisas sobre cristianismo primitivo.

primárias e, neste caso específico, pouco importa se alguém disse que um tipo era melhor que o outro. Para nós, a escolha da fonte segue apenas um critério pragmático: fonte primária boa é aquela que se adequa ao recorte temático e cronológico que pesquisamos, não importando se alguém, no passado ou no presente, diga que uma ou outra seja mais digna e a outra não.

Claro que o risco seria o de uma inversão. Quando deixamos o trabalho exclusivo com fontes canônicas para trabalharmos com aquelas consideradas apócrifas, poderíamos inverter nosso preconceito. Não creio que isso tenha acontecido. Acho que nenhum de nós passou a achar que apenas as fontes apócrifas eram legítimas. Assim, pudemos passar a desfrutar de uma das melhores qualidades da pesquisa historiográfica, que é a de trabalhar com variedade de fontes primárias.

Quando chegamos a uma boa compreensão da legitimidade das fontes apócrifas e passamos a manuseá-las com alguma destreza, passamos a nos preocupar mais com fontes que nos são úteis para captar uma visão de mundo das camadas subalternas das sociedades antigas com as quais desejamos muito trabalhar.

Creio que foi por isso que trouxemos em 2018 e 2019, respectivamente, dois interlocutores internacionais, Steven Friesen e Santiago Guijarro, que são especialistas em usar fontes produzidas por pessoas dos baixos estratos sociais do mundo antigo ou que conseguiam ler a contrapelo textos antigos produzidos pelas elites. Assim, abrimos a possibilidade de continuarmos a explorar as camadas elitizadas do cristianismo primitivo assim como passar a vislumbrar o que pensavam os cristãos/ãs mais pobres.

Creio que com esse duplo descolamento de fronteiras, entre canônico e apócrifo e erudito e popular, temos possibilidade de preencher lacunas que pareciam insuperáveis quando olhávamos para os manuais de história do cristianismo antigo. Se historiografia deve ser feita com fontes primárias, agora as temos com alguma variedade para levarmos a termo esse quase dogma acadêmico. Começar bem é um critério para que uma pesquisa termine com o selo de ter sido bem-sucedida.

### 3. DIVERSIFICAÇÃO DOS RECORTES TEÓRICOS

Sabemos que uma boa pesquisa histórica não depende apenas de termos quantidade, qualidade e diversidade de fontes disponíveis. Diferentemente do que pensam alguns positivistas do passado e do presente, as fontes não falam por si sós. Elas precisam ser interpeladas pelo/a historiador/a ou cientista da religião, como já nos alertava Lucien Febvre quando debatia e expunha o que chamava de história-problema.

Acontece que os questionamentos levantados pelo/a pesquisador/a emergem de duas frentes: 1) o momento histórico em que o/a historiador/a está inserido; 2) sua filiação teórica, que funciona como que um prisma a partir do qual ele/ela olha para as fontes que tem à sua disposição.

Penso que o primeiro aspecto é apenas um pressuposto do qual o/a historiador/a ou cientista da religião deve estar consciente. Sabemos que demandas sociais ou acadêmicas do presente levam determinados temas a entrarem ou saírem de moda.

Assim, um de nossos interlocutores internacionais, Steven Friesen, norte-americano de um país governado por um presidente conservador, quando questionado por quê insistia no presente em uma forma de marxismo muito voltado para questões econômicas, respondia de forma até muito simples que o fazia exatamente porque estavam lhe dizendo que essas questões não eram importantes. Temos aqui um belo exemplo do que estava dizendo logo acima. Um governo conservador contemporâneo, que procura dizer que o capitalismo é algo bom e justo, instiga uma mudança de pauta de pesquisa acadêmica sobre o cristianismo antigo. Steven Friesen passou a se interessar em explicações econômicas da injustiça social no cristianismo antigo porque ele crê estar diante de um governo contemporâneo injusto.

Assim, a escolha do viés teórico de uma pesquisa segue uma série de fatores do nosso presente. O que importa agora é que, como vemos o mundo contemporâneo de formas variadas, nossos enfoques teóricos também são variados e isso não é diferente quando falamos de nossos/as interlocutores/as internacionais, assim como das pesquisas dos membros do grupo Oracula.

Judith Perkins parecia ter como principal referencial teórico o filósofo francês Michel Foucault, enquanto Steven Friesen era marxista de forma escancarada e proposital. E nossa filiação teórica como grupo de pesquisa é também bastante diversa. Trabalhamos com conceitos do campo da linguística, sobretudo a partir do semioticista russo Mikhail Bakhtin, assim como a partir de perspectivas oriundas do mencionado acima Michel Foucault. Mais recentemente, algumas de nossas pesquisas estão se voltando para o campo da magia, o que tem exigido buscar uma interlocução com clássicos da sociologia e da antropologia, como é o caso de Pierre Bourdieu, Marcel Mauss, Emile Durkheim, Max Weber e outros/as.

Nos trabalhos dos pesquisadores/as mais maduros do grupo essa intencionalidade de construir e utilizar um referencial teórico está mais presente. Já naqueles/as que estão sendo iniciados/as na pesquisa acadêmica, essa é uma dimensão mais difícil de ser construída, mas a insistência e exposição de pesquisas-modelos oriundas de pesquisadores/as mais maduros/as, do próprio grupo ou visitantes internacionais, tem se constituído em um bom espelho.

Creio que seja necessário que haja um recorte teórico em qualquer pesquisa acadêmica na área de humanas ou sociais, mas isso nem sempre exige uma longa narração ou justificativa ao longo do relatório escrito. Meu pressuposto é o de que todo trabalho sempre funciona com algum referencial teórico, mas este nem sempre está consciente para o/a autor/a da pesquisa, sendo sempre melhor quando funciona de forma deliberada e consciente.

Tenho observado a presença de um referencial teórico explícito em quase todos os trabalhos e exposições de membros do grupo Oracula e de convidados externos. E o que vejo é que trabalhamos com razoável diversidade teórica, o que considero ser bastante positivo.

#### 4. DESLOCAMENTOS TEMÁTICOS

Precisamos de variedade de fontes e de recortes teóricos para fazer uma boa historiografia. Essa variedade vai permitir que diferentes estratos sociais

sejam enfocados, assim como dimensões ou temas da vida social e cultural sejam abordados.

Quando rompemos as fronteiras entre fontes canônicas e apócrifas e possuímos muitos enfoques teóricos diferentes, temos quase tudo que precisamos para fazer historiografia que explore diferentes aspectos do passado.

Os positivistas da passagem do século XIX para o XX foram acusados pelos/as historiadores/as dos *Annales* de fazerem quase exclusivamente história política e de quase sempre privilegiarem as camadas elitizadas. Talvez tenha havido um exagero por parte dos adversários dos positivistas, mas eles tinham alguma razão no que diziam. O clamor que fizeram por novos enfoques ajudou as pesquisas historiográficas do mundo inteiro a deslocarem seus focos das elites para as camadas populares e da política para a vida social e cultural.

Os manuais de história do cristianismo, mesmo os mais recentes, nos fazem pensar que ainda estamos no século XIX, em plena vigência do positivismo no sentido de que devemos apenas usar fontes escritas e oficiais (canônicas) para fazer uma historiografia que se dedique às elites eclesiásticas. Felizmente, a pesquisa acadêmica, incluído aí aquelas que são produzidas por frequentadores/as e visitantes do grupo Oracula, tem conseguido ser diversa do ponto de vista temático e isso se deve ao fato de existir variedade tanto de fontes como de enfoque teórico.

As pesquisas de nossos/as interlocutores/as internacionais demonstram uma grande variedade temática, digna de confrontar as lacunas dos manuais de história do cristianismo e das pesquisas dos positivistas do século XIX. Os/as historiadores/as dos *Annales* ficariam satisfeitos em saber que trouxemos Judith Perkins para falar da construção social do corpo dos/as mártires cristãos/ãs, Matthias Henze para nos levar para as fontes pouco exploradas dos textos apócrifos, Candida Moss para falar, ainda que de forma remota, de grupos sociais marginalizados, Stephen Patterson para nos conduzir ao mundo do excêntrico apóstolo Tomé, Steven Friesen para

nos mostrar como as hierarquias sociais eram construídas com uma severa exploração econômica e, por fim, Santiago Guijarro para nos ensinar a ler textos das elites a contrapelo, de modo a podermos fazer historiografia dos marginais a partir de textos produzidos pelos não marginalizados/as.

No meu modo de ver, ler textos das elites a contrapelo significa nos aproximarmos, em termos temáticos, das pesquisas mais recentes e importantes já feitas. Faz com que nos lembremos de “Os queijos e os vermes” de Calo Ginzburg, que usa documentos da inquisição para fazer historiografia da cultura ao focar a visão religiosa dissidente de camponês sobre seu entorno. Também de Laura de Mello e Souza, em “O Diabo e a Terra de Santa Cruz”, quando usa o mesmo tipo de fonte para falar de feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. De Ronaldo Vainfas, em “A heresia dos índios”, que continua a usar as fontes oficiais da inquisição para abordar o hibridismo cultural-religioso indígena-católico. Os exemplos poderiam se multiplicar, mas os poucos bastam para lembrarmos que estamos em boa companhia.

O que nos fascina na atualidade é vermos a proliferação de pesquisas sobre magia, seja no âmbito “pagão” ou entre judeus e cristãos antigos, emergirem das páginas de trabalhos de orientandos/as de mestrado e doutorado de pesquisadores/as conectados ao grupo Oracula. Isso demonstra que, quando diversificamos as fontes e os olhares teóricos, fica mais fácil enxergarmos as multiplicidades que assolavam o cotidiano de cristãos/as antigos/as.

## 5. DESAFIOS QUE PERSISTEM

Fizemos muitas coisas boas. Avançamos em todos os critérios que estabelecemos como ponto de partida para avaliar os resultados de nossas pesquisas. De qualquer forma, se não virmos onde podemos ainda crescer, nossas conquistas nos levarão à estagnação e ao comodismo. Se quisermos continuar a fazer pesquisas relevantes, temos que refletir sobre algumas possibilidades que vemos que ainda precisam ser exploradas. Vamos a elas na forma de alguns tópicos.

(1) Manter nosso recorte cronológico. Este aspecto parece permanecer inatacável. Não sabemos até quando, mas, por ora, podemos manter os inícios do primeiro século como nosso ponto de partida e o do quarto como chegada para nossas pesquisas. Claro, temos que levar em conta o antes e o depois em consideração, mas os referidos séculos devem continuar a circunscrever cronologicamente nossas pesquisas.

(2) Ampliar nossas fontes: trabalhar no cruzamento de arqueologia com textos e ler a contrapelo outros textos das elites. Ainda há espaço para uma ampliação dos tipos de que fontes usamos. No momento enxergo que ainda a maior parte de nós não conhece e não usa em seus escritos experiência e leitura de relatórios de pesquisa arqueológica. Considero os livros escritos a partir da parceria entre John Dominic Crossan e Jonathan L. Reed, “Em busca de Paulo” e “Em busca de Jesus”, os exemplos mais claros do que estou propondo: bom manuseio e interpretação de textos com vigoroso conhecimento de cultura material do mesmo período daqueles produz excelentes *insights* teóricos e interpretativos.

(3) Diversificar recortes teóricos: explorar o debate sobre história da leitura. As pesquisas atuais sobre história da cultura privilegiam o debate sobre história da leitura, o que envolve um tripé: (a) meios e formas de produção de um escrito ou produto cultural; (b) meios e formas de circulação de um escrito ou produto cultural e (c) apropriações ou leituras propriamente ditas de um escrito ou produto cultural. Para fazer isso, podemos espelhar os trabalhos de pesquisadores como Michel de Certeau, Carlo Ginzburg, Roger Chartier e Robert Darnton.

(4) Continuar a explorar novos temas: dar visibilidade em nossas pesquisas para mulheres, homossexuais, pobres e hereges. Vou escolher apenas uma das categorias para justificar o que pretendo com essa proposta: o debate sobre gênero. Quanto mais nos aproximamos da atualidade, mais se diversificam na academia as contendas sobre gênero e, na mesma intensidade, proliferam na sociedade os discursos machistas e homofóbicos. Penso em autores/as como Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e Virginie Despentes como pensadores/as que levam a discussão sobre gênero até as últimas consequências e Donald Trump e Jair Bolsonaro como incentivadores

do seu oposto. Acho que todos nós nos sentimos um pouco como Steven Friesen quando nos visitou: vamos falar de gênero porque estão nos dizendo que não devemos falar disto.

(5) Criar e ampliar relevância social para nossas pesquisas: escrever textos abrangentes (século I a IV) sobre os mais variados temas e enfoques, de forma coletiva e em linguagem acessível ao grande público. Nosso trabalho até aqui, como grupo, tem sido muito bom. Acho que todos nós nos sentimos privilegiados em fazer parte de uma confraria plena de pessoas inteligentes e engajadas. Mas, para ser sincero, se nossas pesquisas ficarem restritas aos nossos pares, não chegaremos muito longe. Precisamos querer mais: temos que aspirar impacto social para as nossas pesquisas. É isto só pode ser conquistado com engajamento social. Temos que escrever textos para grande público para mostrar para a sociedade que fazemos pesquisa relevante e de qualidade. Mas, para atingir esta meta, temos que aprender a escrever com arte e de um modo que qualquer um nos compreenda. Por exemplo, podemos aprender com Haruki Murakami, com seus romances (sugiro “Kafka à beira-mar” e “Crônica do pássaro de corda”), como prender a atenção do/a leitor/a e fazer com que não queiram mais parar de ler. Se quisermos um texto não ficcional, então podemos ler “Romancista como vocação” para nos inspirarmos a escrever bem. Uma boa escrita é um critério fundamental para que nossas pesquisas sejam lidas e, assim, se tornem socialmente relevantes.



# PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844

ANO 05 | NÚMERO 09 | JUNHO DE 2023



FACULDADE TEOLÓGICA  
**SUL AMERICANA**

*Preparando Vidas para servir o Reino de Deus*